



INICIAÇÃO À DOCTRINA ESPÍRITA

5

ASPECTO RELIGIOSO DO
ESPIRITISMO



Astolfo Olegário de Oliveira Filho



INICIAÇÃO À DOCTRINA ESPÍRITA

5

ASPECTO RELIGIOSO DO ESPIRITISMO

Astolfo Olegário de Oliveira Filho

Data de publicação: 28/7/2022

PUBLICAÇÃO:

EVOC – Editora Virtual O Consolador

Londrina - Paraná – Brasil

www.oconsolador.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

O47inic

Oliveira Filho, Astolfo Olegário de.

Iniciação à doutrina espírita: 5 - Aspecto Religioso do Espiritismo / Astolfo Olegário de Oliveira Filho; revisão de Thiago Bernardes; capa de Cláudia Rezende Ribeiro. - Londrina, PR EVOC, 2022.
111 p.

1. Espiritismo-estudo e ensino. 2. Doutrina espírita-história. 3. Espiritismo – aspecto religioso. I. Bernardes, Thiago. II. Ribeiro, Cláudia Rezende. III. Título.

CDD 133.9
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Índice

Citações importantes, 4

Ao Leitor, 8

Sobre o Autor, 11

1 - Politeísmo e paganismo, 12

2 - As religiões politeístas e sua contribuição para a Humanidade, 17

3 - Moisés e o povo israelita, 23

4 - Moisés e a primeira revelação, 27

5 - O advento de Jesus, 33

6 - A equipe espiritual de Jesus, 37

7 - A missão de Jesus, 42

8 - Os apóstolos do Senhor, 47

9 - O Novo Testamento, 51

10 - A moral cristã, 56

11 - Adoração a Deus, 62

12 - A fé e seu poder, 67

13 - A prece e sua eficácia, 72

14 - Sacrifícios e mortificações, 76

15 - Fora da caridade não há salvação, 80

16 - Amor materno e amor filial, 85

17 - Respeito às leis, às religiões e aos direitos humanos, 90

18 - Caracteres da perfeição e seus obstáculos, 95

19 - Cuidados com o corpo e com o espírito, 99

20 - Conduta espírita e vivência evangélica, 104

Bibliografia, 108

Citações importantes

1. O aspecto religioso do Espiritismo e seu propósito

“Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais. A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu.

No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam o aperfeiçoamento da Humanidade.

No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus-Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.”

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *O Consolador*.

2. Resposta de Allan Kardec à pergunta: - O Espiritismo é uma religião?

“Pois bem, sim! sem dúvida, Senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e disto nos glorificamos, porque é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.”

KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, dezembro de 1868.

3. Onde se encontra a força do Espiritismo

“O Espiritismo é forte porque se apoia nas próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e recompensas futuras, e porque sobretudo mostra essas penas e recompensas como consequências naturais da vida terrena, oferecendo um quadro do futuro em que nada pode ser contestado pela mais exigente razão.”

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, Conclusão, parte V.

4. Por que a moral ensinada pelos Espíritos é a do Cristo?

“A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. Mas, então, de que serve o ensino deles, se apenas repisam o que já sabemos? Outro tanto se poderia dizer da moral do Cristo, que já Sócrates e Platão ensinaram quinhentos anos antes e em termos quase idênticos. O mesmo se poderia dizer também das de todos os moralistas, que nada mais fazem do que repetir a mesma coisa em todos os tons e sob todas as formas. Pois bem! os Espíritos vêm, muito simplesmente, aumentar o número dos moralistas, com a diferença de que, manifestando-se por toda parte, tanto se fazem ouvir na choupana, como no palácio, assim pelos ignorantes, como pelos instruídos.

O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e de seu futuro, dando por sanção à doutrina cristã as próprias leis da Natureza.”

KARDEC, Allan. *A Gênese*, capítulo I, item 56.

5. Ensino moral contido nos Evangelhos: roteiro infalível para a felicidade vindoura

“Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: *os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral.*

As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo.

Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. E, finalmente e acima de tudo, o *roteiro infalível para a felicidade vindoura*, o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta a vida futura.”

KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Introdução, parte I.

6. A bandeira que desfraldamos bem alto é a do *Espiritismo cristão e humanitário*

“Se o Espiritismo, conforme foi anunciado, tem que determinar a transformação da Humanidade, claro é que esse efeito ele só poderá produzir melhorando as massas, o que se verificará gradualmente, pouco a pouco, em consequência do aperfeiçoamento dos indivíduos. Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não faz que aquele que a tem se torne melhor, mais benigno e indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde e paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, se se conserva cheio de si; ao invejoso, se permanece dominado pela inveja? Assim, poderiam todos os homens acreditar nas manifestações dos Espíritos e a Humanidade ficar estacionaria. Tais, porém, não são os desígnios de Deus. Para o objetivo providencial, portanto, é que devem tender todas as Sociedades espíritas sérias, grupando todos os que se achem animados dos mesmos sentimentos. Então, haverá união entre elas, simpatia, fraternidade, em vez de vão e pueril antagonismo, nascido do amor-próprio, mais de palavras do que de fatos; então, elas serão fortes e poderosas, porque assentarão em inabalável alicerce: o bem para todos; então, serão respeitadas e imporão silêncio à zombaria tola, porque falarão em nome da moral evangélica, que todos respeitam. Essa a estrada pela qual temos procurado com esforço fazer que o Espiritismo enverede. A bandeira que desfraldamos bem alto é a do *Espiritismo cristão e humanitário*, em torno da qual já temos a ventura de ver, em todas as partes do globo, congregados tantos homens, por compreenderem que aí é que está a âncora de salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma era nova para a Humanidade.”

KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIX, item 350.

Ao Leitor

Publicada com o título geral de Iniciação à Doutrina Espírita, esta série tem como alvo as pessoas que estão dando seus primeiros passos em matéria de Espiritismo. Trata-se, pois, de uma publicação cujo propósito é preparar o leitor iniciante para que, dotado de um conhecimento preliminar sobre os ensinamentos espíritas, possa na sequência aprofundar-se no estudo da obra de Allan Kardec e de seus continuadores.

A série compõe-se de 5 volumes:

- 1 - Noções gerais e princípios básicos
- 2 - As leis morais segundo o Espiritismo
- 3 - Aspecto científico do Espiritismo
- 4 - Aspecto filosófico do Espiritismo
- 5 - Aspecto religioso do Espiritismo.

Conteúdo desta obra

O e-book ora publicado, que é o 5º volume da série Iniciação à Doutrina Espírita, é formado por 20 capítulos.

Nele são focalizados temas e questões diretamente relacionados com o chamado aspecto religioso do Espiritismo.

Entre esses temas e questões, são objeto de capítulos específicos no livro, entre outros:

- Politeísmo e paganismo
- As religiões politeístas e sua contribuição para a Humanidade
- Moisés e o povo israelita
- A primeira revelação da lei de Deus

- O advento de Jesus
- A missão de Jesus
- Os apóstolos do Senhor
- A moral cristã
- Adoração a Deus
- A fé e seu poder
- A prece e sua eficácia
- Fora da caridade não há salvação
- Respeito às leis, às religiões e aos direitos humanos
- Caracteres da perfeição e seus obstáculos
- Conduta espírita e vivência evangélica.

Um pequeno glossário

Com vistas a uma melhor compreensão das tradições religiosas da Antiguidade, incluímos nesta obra as informações que seguem:

Mito – É uma narração poética referente ao nascimento, vida e feitos dos antigos deuses e heróis do paganismo.

Mitologia – É o estudo dos mitos. Nem toda religião está ligada a uma mitologia, mas as religiões politeístas oferecem, em princípio, matéria própria à imaginação mítica.

Origens dos mitos – Guardam relação com a observação da natureza e seus variados e multiformes elementos. A imaginação humana personificou os fenômenos naturais e os imaginou como individualidades livres, independentes, cuja atuação estava submetida a invariáveis leis morais e dotadas de uma corporeidade muito próxima da forma humana.

Evolução dos mitos – A mitologia grega era muito mais rica que a dos romanos e de outros povos, devido ao fato de

o espírito helênico ter sido altamente criador e o romano mais prático.

Fontes da mitologia – Baseiam-se no legado dos poetas gregos e latinos, dentre os quais se destaca Homero.

Como eram os deuses – A aparência dos deuses era totalmente humana, embora melhorada, mais bela e majestosa. Mais fortes, mais vigorosos, possuíam todas as faculdades humanas em escala ampliada. Necessitavam, como os homens, do sono, da comida e da bebida, e andavam vestidos, sobretudo as deusas, que escolhiam as vestes e os adornos com capricho. Seu nascimento era semelhante ao dos homens, mas os deuses eram precoces e o período da infância bem reduzido. Imortais, nunca envelheciam nem eram atingidos por doença alguma. Moralmente, eram muito superiores aos mortais, e porque a maldade, a impureza e a injustiça os aborreciam, não hesitavam em castigar as maldades e injustiças humanas. Os deuses, embora sua superioridade física, moral e espiritual, estavam presos aos seus destinos, fixados desde a eternidade e passavam a vida desocupados, buscando toda a sorte de divertimentos e passatempos.

Sacrifícios – Os povos primitivos e politeístas adoravam os deuses por meio de oferendas, cultos, rituais que, geralmente, comportavam sacrifícios de animais ou de seres humanos.

Astolfo O. de Oliveira Filho

Inverno de 2022

Sobre o Autor

Astolfo Olegário de Oliveira Filho é diretor de redação do jornal espírita "O Imortal" e da revista espírita **O Consolador**, fundada em 18/4/2007 por ele e seu colega José Carlos Munhoz Pinto.

Natural de Astolfo Dutra (MG), reside desde os 18 anos no Paraná, estado para o qual se mudou em janeiro de 1963 com vistas a cursar a faculdade, graduando-se então no curso de Ciências Econômicas.

Nascido em família espírita, é o penúltimo filho de Astolfo Olegário de Oliveira e Anita Borela de Oliveira. Casado com Célia Maria Cazeta de Oliveira, é pai de quatro filhos, avô de oito netos e bisavô de Leonardo e Vicente, filhos, respectivamente, de sua neta Bruna e de seu neto Guilherme.

Escreveu e manteve por 13 anos, de 1980 a 1992, a coluna "Espiritismo" publicada aos domingos pela "Folha de Londrina" e é autor dos livros "20 Lições sobre Mediunidade" e "Lições para ontem, hoje e amanhã", bem como dos 5 volumes da série "Iniciação à Doutrina Espírita", todos publicados no formato digital pela EVOC – Editora Virtual O Consolador.

Em dezembro de 2021 transferiu residência para a cidade de Arapongas (PR), deixando assim de participar das atividades que realizou por várias décadas no Centro Espírita Nosso Lar e na Comunhão Espírita Cristã de Londrina, instituição localizada na periferia da cidade, da qual é, ao lado de sua esposa e vários amigos, um dos fundadores.

Fundou e dirigiu a Editora Leopoldo Machado e é atualmente diretor da EVOC - Editora Virtual O Consolador, de Londrina (PR), sendo também editor do blog Espiritismo Século XXI – <http://espiritismo-seculoxxi.blogspot.com.br/>

Politeísmo e paganismo

Sumário: Paganismo e politeísmo: conceito e diferenças. Principais sistemas do politeísmo. A história religiosa da Humanidade. A gênese das religiões surgidas em nosso planeta segundo Emmanuel.

Politeísmo implica a crença em uma pluralidade de deuses

1. Ensina o Espiritismo na questão 667 d' *O Livro dos Espíritos* que a concepção de um Deus único não poderia existir no homem senão como resultado do desenvolvimento de suas ideias. Antes disso, incapaz de conceber um ser imaterial sem forma determinada, o homem conferiu-lhe atributos da natureza corpórea e desde então tudo o que parecia ultrapassar os limites da inteligência comum era, para ele, uma divindade, uma potência sobrenatural.

2. Politeísmo é, como o próprio vocábulo indica, a crença religiosa em uma pluralidade de deuses ou a adoração de mais de um deus. Conforme assinalam os Espíritos na questão 668 da obra citada, ao chamarem deus a tudo o que era sobre-humano, os homens tomaram os Espíritos como se fossem deuses. Disso resultou que quando um homem por suas ações, pelo seu gênio ou por um poder oculto que o vulgo não lograva compreender, se distinguia dos demais, faziam dele um deus e, após sua morte, lhe rendiam culto.

3. A palavra "deus" tinha, entre os antigos, acepção muito ampla e não indicava, como presentemente, uma personificação do Senhor da vida. Era uma qualificação genérica, que se dava a todo ser existente fora das condições da Humanidade, o que é fácil de verificar estudando atentamente os atributos das divindades pagãs.

4. Entre os vários fatores responsáveis pela criação e multiplicação dos deuses devemos salientar: a) a personificação das forças da natureza e sua conseqüente elevação ao reino da divindade; b) a divinização de antepassados e heróis; c) a centralização política dos grandes Estados, provocando a fusão e a unificação de culturas e crenças. Daí se originaram os três principais sistemas do politeísmo: idolatria – adoração de muitos deuses personificados por ídolos grosseiros; sabeísmo – culto dos astros e do fogo; e feiticismo ou fetichismo – adoração de tudo quanto impressiona a imaginação e a que se atribui poder.

5. O vocábulo paganismo é comumente utilizado como sinônimo de politeísmo. Em essência, ele o é mesmo, mas, do ponto de vista histórico e teológico, não. Quando Constantino consagrou o Cristianismo como a nova religião do Império Romano os não cristãos foram chamados de pagãos, ou seja, adeptos do paganismo. Acabaram então sendo generalizados como pagãos tanto os politeístas propriamente ditos como os monoteístas não cristãos.

A história religiosa da Humanidade divide-se em seis períodos

6. Os feiticistas eram, em sua origem, politeístas, como ainda se dá entre os povos selvagens. Segundo o escritor francês Charles de Brosses, em *Do Culto dos Deuses Fetiches*, todas as religiões, exceto a dos hebreus, derivaram do fetichismo, que, por sua vez, teve origem no medo.

7. O historiador inglês John Lubbock dividiu em seis períodos a história religiosa da Humanidade: 1º – ateísmo; 2º – fetichismo ou feiticismo (vocábulo que veio do português feitiço, sortilégio); 3º – culto da natureza; 4º – xamanismo (religião dos xamãs, feiticeiros profissionais); 5º – antropomorfismo; 6º – crença em um Deus criador e providencial. Quanto ao xamanismo, é importante lembrar

que não existe na antropologia consenso geral quanto à diferenciação precisa entre xamã, feiticeiro e sacerdote. O termo xamã, assim como xamanismo, é mais empregado no contexto dos povos asiáticos.

7. Em 1767 o francês N. S. Bergier defendeu a tese segundo a qual o fetichismo se explicava pela semelhança que existe entre a mentalidade do homem primitivo e a da criança, que empresta alma e personalidade ativa a cada um dos objetos que a rodeiam. A etnologia comparada permitiu a E. B. Tylor retomar e desenvolver essa ideia.

8. Estudando as origens do politeísmo e do paganismo, Emmanuel, em seu livro *A Caminho da Luz*, afirmou que a gênese de todas as religiões da Humanidade teve origem no coração misericordioso do Cristo, em face de ser ele o diretor espiritual do orbe terrestre. Para tanto, de tempos em tempos, ele teria enviado mensageiros à Terra para ensinar e difundir as verdades evangélicas, que foram recepcionadas e interpretadas segundo o nível evolutivo de cada época.

9. Nesse sentido, constitui um erro crasso julgar como bárbaros e pagãos os povos terrenos que ainda não conhecem diretamente as lições do Evangelho, porquanto a assistência do Cristo sempre acompanhou e ainda acompanha a evolução das criaturas em todas as latitudes do planeta. Na história da China, da Pérsia, do Egito, da Índia, como a dos árabes, dos israelitas, dos celtas, dos gregos e dos romanos, sempre se fez presente a luz dos seus poderosos emissários e muitos destes tão bem se houveram no cumprimento dos seus deveres, que foram havidos como sendo o próprio Cristo em reencarnações sucessivas e periódicas.

10. Outro alerta que Emmanuel nos faz na referida obra é sobre a unidade substancial das religiões. Diz o conhecido mentor espiritual que todos os livros e tradições religiosas da Antiguidade guardam entre si a mais estreita unidade substancial e todas se referem ao Deus impersonificável, que é a essência da vida em todo o Universo.

Questões para fixação da leitura

1. Em que consiste o politeísmo?

Politeísmo é, como o próprio vocábulo indica, a crença religiosa em uma pluralidade de deuses, ou a adoração de mais de um deus.

2. Quantos e quais são os principais sistemas do politeísmo?

Os principais sistemas do politeísmo são: idolatria – adoração de muitos deuses personificados por ídolos grosseiros; sabeísmo – culto dos astros e do fogo; e feiticismo ou fetichismo – adoração de tudo quanto impressiona a imaginação e a que se atribui poder.

3. Paganismo e politeísmo são a mesma coisa?

Em essência, sim, mas do ponto de vista histórico e teológico, não. Quando Constantino consagrou o Cristianismo como a nova religião do Império Romano os não cristãos foram chamados de pagãos, ou seja, adeptos do paganismo. Acabaram então sendo generalizados como pagãos tanto os politeístas propriamente ditos como os monoteístas não cristãos.

4. Segundo John Lubbock, a história religiosa da Humanidade divide-se em seis períodos. Quais são eles?

Eis os seis períodos, conforme John Lubbock: 1º – ateísmo; 2º – fetichismo ou feiticismo (vocábulo que veio do português feitiço, sortilégio); 3º – culto da natureza; 4º – xamanismo (religião dos xamãs, feiticeiros profissionais); 5º – antropomorfismo; 6º – crença em um Deus criador e providencial.

5. Onde, segundo Emmanuel, se encontra a gênese das religiões da Humanidade?

A gênese de todas as religiões da Humanidade teve origem no coração misericordioso do Cristo, em face de ser

ele o diretor espiritual do orbe terrestre e por haver enviado, de tempos em tempos, mensageiros à Terra para ensinar e difundir as verdades evangélicas, que foram, evidentemente, recepcionadas e interpretadas segundo o nível evolutivo de cada época.

As religiões politeístas e sua contribuição para a Humanidade

Sumário: Origem das primeiras organizações religiosas da Terra. Autoria e conteúdo dos Vedas. A religião cultuada no Egito antigo. Os deuses segundo a mitologia grega. A crença na sobrevivência da alma na Roma antiga.

Dos árias descende a maioria dos povos da família indo-europeia

1. Emmanuel, em seu livro *A Caminho da Luz*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, afirma que as primeiras organizações religiosas da Terra tiveram sua origem entre os povos primitivos do Oriente, "aos quais enviava Jesus, periodicamente, os seus mensageiros e missionários". Devido à ausência da escrita, naquelas épocas remotas as tradições se transmitiam de geração a geração por meio da palavra articulada; contudo, com a cooperação dos exilados de Capela, os rudimentos das artes gráficas receberam os primeiros impulsos e começou a florescer uma nova era de conhecimento espiritual, no campo das concepções religiosas.

2. Os livros dos Vedas, datados de mais de seis mil anos, já falavam acerca da sabedoria dos Sastras – os grandes mestres das ciências hindus – que os antecederam em mais ou menos dois mil anos, às margens dos rios sagrados da Índia, o que mostra que a ideia religiosa nasceu praticamente com a própria Humanidade, constituindo o alicerce de todos os seus esforços e realizações no plano terráqueo.

3. Para nos situarmos melhor no tempo e no espaço, é bom lembrar que as raças adâmicas – formadas por

Espíritos exilados do sistema planetário de Capela – reuniram-se na Terra, com o transcurso dos anos, em quatro grandes grupos, que se fixaram depois nos povos mais antigos, obedecendo às afinidades que os associavam em Capela. Unidos de novo em nosso planeta, constituíram o grupo dos árias, a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da Índia.

4. Dos árias descende a maioria dos povos brancos da família indo-europeia, incluindo aí os latinos, os celtas, os gregos, os germanos e os eslavos. Além de formarem os rudimentos de toda a organização das civilizações futuras, elas introduziram os mais largos benefícios no seio dos povos de pele amarela e negra, que já existiam no planeta.

A religião dos hindus foi fundada pelos Vedas, cuja autoria é atribuída a Brama

5. Dos Espíritos degredados no ambiente da Terra, os que se agruparam nas margens do rio Ganges, na Índia, foram os primeiros a formar os pródromos de uma sociedade organizada. As almas ali exiladas haviam recebido muito da misericórdia de Jesus, de cuja palavra de amor guardaram as mais comovedoras recordações, traduzidas na beleza dos Vedas e dos Upanishads. Foram elas as primeiras vozes da filosofia e da religião em nosso planeta.

6. Os Vedas, cuja autoria os hindus atribuem a Brama, ensinam a crença em um Deus supremo: Brama, cujos atributos são representados pelos três poderes personificados da criação, conservação e destruição, os quais, sob os nomes de Brama, Vixnu e Siva, formam a trimúrta – ou trindade – dos principais deuses hindus. Além desses três deuses há no bramanismo deuses inferiores responsáveis por certos fenômenos da natureza, como o trovão, o relâmpago, o fogo etc.

7. Brama é, segundo tais ideias, o criador do Universo e a fonte de onde emanaram todas as divindades individuais, que serão no final por ele absorvidas. À vista desse

pensamento, observa-se nitidamente o caráter politeísta e panteísta da religião dos hindus. Os brâmanes são idólatras e formam seitas distintas, conforme os deuses que venerem. As influências do bramismo são boas quando dão origem à formação dos Mahatmas, e negativas quando estabelecem o sistema de castas.

8. Dentre os Espíritos exilados de Capela, os que constituíram a civilização egípcia foram os que mais se destacaram na prática do bem e no culto da verdade. Com efeito, segundo Emmanuel, eram eles os que menos débitos possuíam perante o tribunal da Justiça Divina. Em nenhuma civilização da Terra o culto da morte foi tão altamente desenvolvido, porque nos seus corações morava a ansiedade de voltar ao orbe distante, ao qual se sentiam presos pelos mais santos afetos. Foi por esse motivo que, representando uma das mais belas e adiantadas civilizações de todos os tempos, as expressões do antigo Egito desapareceram para sempre do plano tangível do planeta. Depois de perpetuarem nas pirâmides os seus avançados conhecimentos, todos os Espíritos daquela região regressaram à pátria de origem.

A grande contribuição da religião egípcia repousa nos ensinamentos esotéricos

9. A religião egípcia apresentava dupla face. Para a massa popular, ainda imatura para receber ensinamentos mais profundos, era politeísta. Para os sacerdotes e iniciados, era monoteísta. O deus principal do povo egípcio era Amon ou Amon-Ra, mas havia outras divindades subalternas: Osíris, Horus, Set e outros. A grande contribuição da religião egípcia repousa nos ensinamentos esotéricos, que não só transmitiam a existência de Deus uno, Pai e Criador, como também o destino e a comunicação dos mortos e a pluralidade das existências e dos mundos.

10. As experiências mais vastas no campo social ocorreram na Grécia, berço de filósofos, sábios e literatos

famosos. Os gregos eram essencialmente politeístas e donos de uma mitologia inigualável, que nenhum povo conseguiu superar. Para os gregos havia um grande deus: Zêus, que era o deus supremo, senhor do Universo, pai dos demais deuses e deusas e de toda a Humanidade. Além de Zêus, havia outros deuses – os principais, os subalternos, as divindades infernais e os heróis ou semideuses.

11. Evidencia-se na Grécia antiga o papel de duas cidades: Atenas e Esparta. Berço da democracia, onde o povo amava a liberdade e dedicava-se à cultura, às artes e à beleza, de Atenas saíram grandes legisladores e filósofos, como Sócrates, Platão e Xenofonte. Esparta, ao contrário, representava o poder absoluto, ditatorial, onde se proibia o comércio e se condenava a cultura.

12. A mitologia grega, tão rica e fantasiosa como era, favoreceu que os gregos vivessem as experiências sociais necessárias à sua evolução. As conquistas sociológicas desenvolvidas em Atenas foram o que houve de mais positivo em nosso mundo, mesmo considerando os dias atuais. Esparta, no entanto, passou à história como um simples povo de soldados espalhando a destruição e os flagelos da guerra, sem nenhuma significação construtiva para a Humanidade.

Os romanos não faziam muitas indagações transcendentais em matéria religiosa

13. Foram principalmente os etruscos que deram origem ao povo romano. Esforçados, operosos e inteligentes, os etruscos possuíam largas indústrias de metais, uma marinha notável, destacado progresso no amanho da terra e, sobretudo, sentimentos evolucionados que os faziam diferentes das coletividades mais próximas. Acreditavam na sobrevivência e ofereciam sacrifícios às almas dos mortos, venerando os deuses cujas disposições presumiam conhecer através dos fenômenos comuns da natureza.

14. Segundo Emmanuel, as influências do povo etrusco foram decisivas para as experiências que os romanos precisariam viver mais tarde. Nesse sentido, vale recordar a figura de Tarquínio Prisco, filho da Etrúria, que trouxe à cidade grandes reformas e inúmeras inovações importantes na sua consolidação e no seu progresso.

15. Onde, porém, mais se evidenciaram as influências etruscas, nas organizações romanas, foi justamente na alma popular, devotada aos gênios, aos deuses e às superstições de toda espécie. Cada família, como cada lar, possuía seu gênio invisível e amigo, e na sociedade alastravam-se as comunidades religiosas.

16. Ao contrário dos atenienses, os romanos não faziam muitas indagações transcendentais em matéria religiosa ou filosófica, atendendo somente aos problemas do culto externo, sem muitas argumentações com a lógica. É por isso que, a despeito da numerosa quantidade de deuses existentes em Roma, a mitologia romana é pobre. O politeísmo romano contribuiu, contudo, para que se desenvolvessem na sociedade romana grandes virtudes, entre as quais destacamos os deveres familiares, em especial o papel das matronas.

Questões para fixação da leitura

1. No seio de quais povos as primeiras organizações religiosas da Terra tiveram sua origem?

Elas tiveram sua origem entre os povos primitivos do Oriente, "aos quais enviava Jesus, periodicamente, os seus mensageiros e missionários".

2. Quem, segundo os hindus, escreveu os Vedas e o que se contém nesses livros?

A autoria dos Vedas é atribuída pelos hindus a Brama. Os Vedas ensinam a crença em um Deus supremo: Brama. Seus atributos são representados pelos três poderes

personificados da criação, conservação e destruição, que, sob os nomes de Brama, Vixnu e Siva, formam a trimúrta – ou trindade – dos principais deuses hindus.

3. A religião cultuada no Egito antigo era monoteísta ou politeísta?

A religião egípcia apresentava dupla face. Para a massa popular, ainda imatura para receber ensinamentos mais profundos, era politeísta. Para os sacerdotes e iniciados, era monoteísta.

4. A mitologia grega fala da existência de muitos deuses. Qual dentre eles é o deus supremo?

O grande deus, na mitologia grega, é Zeus, o deus supremo, senhor do Universo, pai dos demais deuses e deusas e de toda a Humanidade.

5. Na Roma antiga acreditava-se na sobrevivência da alma?

Sim. Cada família, como cada lar, possuía seu gênio invisível e amigo, e na sociedade alastravam-se as comunidades religiosas.

Moisés e o povo israelita

Sumário: A origem da Humanidade de acordo com a Bíblia, Onde nasceu e quem foi Moisés. A longa viagem do povo israelita rumo à Terra Prometida. A morte de Moisés. Privilégio que coube ao povo israelita na história das religiões.

Moisés vivia em Madian quando foi chamado ao cumprimento de sua missão

1. A história de Israel está basicamente contida no Antigo Testamento, de modo especial nos livros *Gênesis* e *Êxodo*, cuja autoria é atribuída a Moisés. O *Gênesis* abrange a história simbólica das origens da Humanidade, com destaque para o povo hebreu até sua entrada no Egito. O *Êxodo* narra as agruras desse povo, sua saída do Egito e a aliança com o Senhor através dos Dez Mandamentos recebidos por Moisés no monte Sinai. Os outros livros que compõem o chamado Pentateuco Mosaico – *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio* – complementam as informações com respeito a Moisés, suas leis e seus ensinamentos.

2. Segundo as Escrituras, a Humanidade teve sua origem em Adão e Eva, que tiveram inicialmente dois filhos, Caim e Abel, e mais tarde Seth. Caim matou Abel, afastou-se do convívio dos pais, ligou-se a habitantes primitivos da Terra, casou-se e teve filhos. Mais tarde, Seth fez a mesma coisa, ou seja, associou-se aos habitantes dos vales ou filhos da Terra. Desse e de outros cruzamentos é que surgiu o povo israelita propriamente dito, porque foi de um dos descendentes de Seth – Noé e seu filho Sem – que nasceu Abraão, que gerou a Isaac (filho de Sara) e Ismael (filho de Agar). De Isaac formou-se a nação judia; de Ismael, o povo árabe.

3. Isaac casou-se com Rebeca e teve como filhos os gêmeos Esaú e Jacó. Este se casou com Lia e Raquel e teve uma prole numerosa, dentre eles José, que foi para o Egito e ali se tornou figura importante. A ida de José para a terra do Nilo é que deu início à emigração pacífica dos filhos de Israel para o Egito, onde os hebreus viveriam por quatrocentos anos, até o surgimento de Moisés, que iria libertá-los da opressão em que, segundo o livro de *Êxodo*, eles viviam naquele país.

4. Werner Keller diz que Moisés foi um hebreu nascido no Egito e criado por egípcios, com um nome tipicamente egípcio. Pertencente à tribo de Levi, sua história inicia-se quando ele mata um egípcio que maltratava hebreus. Temendo a perseguição do faraó, foge para a terra de Madian, em direção do Oriente, a leste do Golfo de Akaba. Nessa região, conhecida como "Terra dos forjadores de cobre", Moisés vivia uma vida tranquila quando certo dia, passando pelo monte Horeb, teve a visão de uma chama de fogo que saía do meio de uma sarça. Uma voz o orienta então sobre a missão que lhe competia, ou seja, a libertação do povo hebreu do cativo no Egito.

5. Moisés liberta seu povo à custa de enormes sacrifícios, amparado pelos prodigiosos dons mediúnicos que possuía. Conforme afirma Césare Cantu, em sua *História Universal*, Deus multiplicara seus prodígios para favorecer o povo escolhido e confundir o faraó, que, apesar de suas reiteradas promessas, não consentia na partida dos hebreus e, com o objetivo de dificultá-la, até os havia dispersado pelo Egito.

O condutor dos hebreus morreu antes de entrar na Terra Prometida

6. Havendo convocado os anciãos de Israel, Moisés falou-lhes do Deus único, o Deus que prometia livrá-los com seu braço poderoso e fazer deles o seu povo, exortando-os então a retirar-se com ele do Egito, em busca da Terra da Promissão.

7. Concretizada a saída do povo hebreu, Moisés conduziu pelo deserto seiscentos mil homens em estado de pegar em armas, o que dava, somados todos, homens e mulheres, quase dois milhões de indivíduos, e os dirigiu para a Palestina. O caminho que haviam de percorrer podia ser de trezentas milhas; contudo, Moisés quis que a viagem demorasse um tempo bastante longo, necessário, segundo ele, para que o povo se despojasse por completo das ideias profanas contraídas em sua dilatada permanência no Egito.

8. As atribuições da viagem, além de grandes, foram acrescidas da obstinação de um povo inculto e agreste que, enquanto seu profeta recebia no monte Sinai o Decálogo, sacrificava ao boi Ápis e respondia aos benefícios com murmúrios e lamentações.

9. Moisés, como sabemos, morreu antes de entrar na Terra Prometida e nunca mais se levantou em Israel profeta igual a ele. Suas leis supõem uma ciência de tal sorte antecipada que pareceria um milagre. Destituído de qualquer ambição pessoal, não procurou o poder para si nem para seu irmão. O que ele objetivava era constituir uma nação estável que tivesse unidade, leis precisas e respeito a Jeová.

10. Graças a ele, coube ao povo israelita o privilégio de transmitir ao mundo a ideia de um Deus único, soberano absoluto do céu e da Terra. Segundo Emmanuel, enquanto os cultos religiosos se perdiam na divisão e na multiplicidade, "somente o judaísmo foi bastante forte na energia e na unidade para cultivar o monoteísmo e estabelecer as bases da lei universalista, sob a luz da inspiração divina". Por esse motivo, apesar dos compromissos e dos débitos penosos que parecem perpetuar seus sofrimentos, "o povo de Israel deve merecer o respeito e o amor de todas as comunidades da Terra, porque somente ele foi bastante grande e unido para guardar a ideia verdadeira de Deus, através dos martírios da escravidão e do deserto" (*O Consolador*, questão 263).

Questões para fixação da leitura

1. Segundo as Escrituras, como se deu o início e qual a origem da Humanidade?

De acordo com o texto bíblico, a Humanidade teve sua origem com Adão e Eva, que tiveram inicialmente dois filhos, Caim e Abel, e mais tarde Seth.

2. Quem foi e onde nasceu Moisés?

Moisés foi um hebreu nascido no Egito e criado por egípcios, com um nome tipicamente egípcio. Pertencente à tribo de Levi, sua história inicia-se quando ele mata um egípcio que maltratava hebreus.

3. Além das dificuldades normais de uma longa viagem pelo deserto, que outras atribuições Moisés teve de enfrentar até chegar à Terra Prometida?

Suas dificuldades foram acrescidas da obstinação de um povo inculto e agreste que, enquanto seu profeta recebia no monte Sinai o Decálogo, sacrificava ao boi Ápis e respondia aos benefícios com murmúrios e lamentações.

4. Moisés morreu antes ou depois da entrada do povo israelita na Terra Prometida?

Ele morreu antes de entrar na Terra Prometida.

5. Na história geral das religiões terrenas, que privilégio coube ao povo israelita?

Coube ao povo israelita o privilégio de transmitir ao mundo a ideia de um Deus único, soberano absoluto do céu e da Terra. Enquanto os cultos religiosos se perdiam na divisão e na multiplicidade, "somente o judaísmo foi bastante forte na energia e na unidade para cultivar o monoteísmo e estabelecer as bases da lei universalista, sob a luz da inspiração divina".

Moisés e a primeira revelação

Sumário: Atribuições que o Senhor delegou a Moisés. Duas partes distintas contêm a lei mosaica. Os Dez Mandamentos. Grupos em que, segundo César Cantu, os israelitas dividem seus livros. A Tora e o Talmude.

A vida e a missão de Moisés, longe de fáceis, foram cheias de dificuldades

1. Diz Emmanuel que a lei mosaica foi a precursora direta do Evangelho de Jesus. O protegido de Termútis, depois de se beneficiar com a cultura que o Egito lhe podia prodigalizar, foi inspirado a reunir todos os elementos úteis à sua grandiosa missão, vulgarizando o monoteísmo e estabelecendo o Decálogo, sob a inspiração divina, cujas determinações são até hoje a edificação basilar da Religião e do Direito.

2. A legislação de Moisés está impregnada de lendas e de crueldades compatíveis com sua época; mas, escoimada de todos os comentários fabulosos a seu respeito, sua figura é, de fato, a de um homem extraordinário, revestido dos mais elevados poderes espirituais, porque foi ele o primeiro homem a tornar acessíveis às massas populares os ensinamentos conquistados à custa de longa e penosa iniciação, em que se vislumbra a síntese luminosa de grandes verdades.

3. A vida e a missão de Moisés, longe de serem fáceis, foram, ao contrário, cheias de atribulações, traições e desconfianças. Por muitas e muitas vezes, o povo israelita demonstrou não ter confiança no poder salvador do Senhor Supremo, desobedecendo por vezes aos mandamentos e chegando a rejeitar o próprio Moisés, que enfrentou

problemas até em sua família, como mostra a fraqueza de Aarão, seu irmão, no episódio do bezerro de ouro.

4. Líder autêntico e lúcido profeta, Moisés constituiu-se em modelo de todos os verdadeiros profetas que lhe sucederam, até a vinda daquele de quem foi o precursor. Ele foi chamado por Deus não apenas para conduzir o povo de Israel até a Terra Prometida, mas igualmente para tornar conhecida a vontade do nosso Pai, o que Moisés fez ao nos outorgar os Dez Mandamentos.

Há na lei mosaica duas partes distintas: a lei de Deus e a lei civil ou disciplinar

5. Na sua qualidade de mensageiro do Divino Mestre, Moisés procurou concentrar seu povo para a grande jornada em busca da Terra da Promissão. Médiun extraordinário, realizou então grandes feitos ante os seus irmãos e companheiros maravilhados. Foi quando, então, recebeu dos emissários do Cristo, no monte Sinai, o Decálogo, que até hoje representa a base de toda a justiça do mundo. E antes de abandonar as lutas terrenas, na extática visão da Terra Prometida, legou à posteridade as suas tradições no Pentateuco, iniciando – no dizer de Emmanuel – a construção da mais elevada ciência religiosa de todos os tempos.

6. Como ensina Allan Kardec, há na lei mosaica duas partes distintas: a lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma – a lei de Deus – é invariável. A outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, modifica-se com o tempo. É por isso que se torna impensável, em nossos dias, apedrejar até a morte uma mulher pega em adultério.

7. A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes (Ex., 20:1-17.):

1º - Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás deuses estrangeiros

diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no céu, e do que há embaixo na terra, nem de coisa alguma que haja nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto: porque eu sou o Senhor teu Deus, o Deus forte e zeloso, que vingará a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem. E que usa de misericórdia até mil gerações com aqueles que me amam e que guardam os meus preceitos.

2º - Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar em vão o nome do Senhor teu Deus.

3º - Lembra-te de santificar o dia de sábado. Trabalharás seis dias, e farás neles tudo o que tens para fazer. O sétimo dia, porém, é o sábado do Senhor teu Deus. Não farás nesse dia obra alguma.

4º - Honrarás a teu pai e a tua mãe, para teres uma dilatada vida sobre a terra que o Senhor teu Deus te há de dar.

5º - Não matarás.

6º - Não fornicarás.

7º - Não furtarás.

8º - Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

9º - Não desejarás a mulher do teu próximo.

10º - Não cobiçarás a casa do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença.

Há na religião judaica, segundo Césare Cantu, três períodos ou idades

8. Ainda hoje, segundo Césare Cantu, os israelitas dividem seus livros em Tora [Do hebr. torah: A lei mosaica; o livro que a encerra; o Pentateuco] constituída dos cinco

primeiros livros da Bíblia; em Nebum, que são os profetas, e em Quetubim, ou escritos em geral, ou seja, qualquer outro livro. O Talmude chama de *brê caballah*, isto é, palavras da tradição, tudo o que não é Tora. Os rabinos dizem que só a Tora é que constituiu uma verdadeira novidade em Israel, porque os outros livros são apenas desenvolvimentos parciais do hieroglífico primitivo, encoberto debaixo daquele nome.

9. Em síntese, podemos dizer que, segundo Césare Cantu, há na religião judaica três períodos ou idades que marcaram a formação religiosa dos israelitas: a "idade de ouro", ou a do puro hebraísmo bíblico, que compreendia os livros santos, antes da transladação para a Babilônia; a "idade de prata", ou a do hebraísmo bíblico tardio, que compreendia os livros escritos posteriormente à emigração, e a "idade de bronze", ou a do hebraísmo tardio não bíblico.

10. Concluindo, resta-nos perguntar por que Jesus optou por Israel a fim de levar no seio do seu povo suas imorredouras lições à Humanidade. A explicação de Emmanuel é que, de todos os povos de então, o povo israelita era o mais crente e também o mais necessitado. Os israelitas haviam conquistado muito do Alto, em matéria de fé, sendo justo que se lhes exigisse um grau correspondente de compreensão, em matéria de humildade e de amor. Israel seria assim, naquele momento, o terreno mais adequado a receber as primeiras sementes do Evangelho.

Questões para fixação da leitura

1. Além de conduzir o povo hebreu até a Terra da Promissão, que outra tarefa o Senhor delegou a Moisés?

Sua segunda tarefa foi tornar conhecida a vontade do nosso Pai, o que Moisés fez ao nos outorgar os Dez Mandamentos.

2. Quantas partes há na lei mosaica, e em que consistem?

Há na lei mosaica duas partes distintas: a lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma – a lei de Deus – é invariável. A outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, modifica-se com o tempo.

3. Em que termos estão escritos os Dez Mandamentos?

Assim a Bíblia nos apresenta os Dez Mandamentos:

1º - Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás deuses estrangeiros diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no céu, e do que há embaixo na terra, nem de coisa alguma que haja nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto: porque eu sou o Senhor teu Deus, o Deus forte e zeloso, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem. E que usa de misericórdia até mil gerações com aqueles que me amam e que guardam os meus preceitos.

2º - Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar em vão o nome do Senhor teu Deus.

3º - Lembra-te de santificar o dia de sábado. Trabalharás seis dias, e farás neles tudo o que tens para fazer. O sétimo dia, porém, é o sábado do Senhor teu Deus. Não farás nesse dia obra alguma.

4º - Honrarás a teu pai e a tua mãe, para teres uma dilatada vida sobre a terra que o Senhor teu Deus te há de dar.

5º - Não matarás.

6º - Não fornicarás.

7º - Não furtarás.

8º - Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

9º - Não desejarás a mulher do teu próximo.

10º - Não cobiçarás a casa do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença.

4. Segundo Césaré Cantu, os israelitas dividem seus livros em três grupos. Quais são eles?

Os israelitas dividem seus livros em Tora, constituída dos cinco primeiros livros da Bíblia; em Nebum, que são os profetas; e em Quetubim, ou escritos em geral, ou seja, qualquer outro livro. O Talmude chama de *brê caballah*, isto é, palavras da tradição, tudo o que não é Tora.

5. Por que Jesus optou por Israel para, no seio do seu povo, transmitir-nos suas imorredouras lições?

A explicação de Emmanuel é que, de todos os povos de então, o povo israelita era o mais crente e também o mais necessitado. Os israelitas haviam conquistado muito do Alto, em matéria de fé, sendo justo que se lhes exigisse um grau correspondente de compreensão, em matéria de humildade e de amor. Israel seria assim, naquele momento, o terreno mais adequado a receber as primeiras sementes do Evangelho.

O advento de Jesus

Sumário: Razões por que os sacerdotes não reconheceram a vinda do Messias. Passagens que mostram que Deus e Jesus são pessoas distintas. Missionários enviados ao mundo por Jesus. Significado para a Humanidade da vinda de Jesus.

As citações bíblicas mostram que Deus e Jesus são personalidades distintas

1. O povo judeu aguardava ansiosamente o Messias anunciado pelos profetas da Antiguidade, o qual, em chegando ao mundo, pudesse libertá-lo do jugo de Roma, mas Jesus veio e não foi reconhecido pelos israelitas, porque, segundo sua concepção, ele deveria chegar coberto de glórias e, na sequência, conferir a Israel o cetro supremo na direção dos povos do planeta.

2. Muitos, no entanto, o reconheceram como o Messias anunciado pelos profetas da Antiguidade, embora tenha ele chegado humilde entre os animais de uma manjedoura e como filho de um simples carpinteiro. Entre os que o reconheceram podemos citar aqueles que mais tarde se tornariam seus discípulos, apóstolos e seguidores, que puderam ouvir da própria voz de Jesus, em diversas ocasiões, ser ele o Enviado do Pai, como mostram estas passagens bíblicas:

“Quem quer que me receba, recebe aquele que me enviou.” (Lucas, 9:48.)

“Aquele que me despreza, despreza aquele que me enviou.” (Lucas, 10:16.)

“Aquele que me recebe não me recebe a mim, mas recebe aquele que me enviou.” (Marcos, 9:37.)

“Ainda estou convosco por um pouco de tempo e vou em seguida para aquele que me enviou.” (João, 8:42.)

3. Está bem caracterizado nas citações transcritas que Jesus falava em nome do Pai e foi por Ele enviado, fato que mostra uma dualidade de pessoas e exclui a igualdade entre elas, porque o enviado necessariamente é alguém subordinado àquele que o envia. Esse pormenor merece ser meditado por todos quantos pensam que Jesus e Deus dispõem de igual poder, um equívoco que é igualmente contestado pelas citações seguintes:

“Se me amásseis, rejubilaríeis, pois que vou para meu Pai, porque meu Pai é maior do que eu.” (João, 14:28.)

“Não tenho falado por mim mesmo; meu Pai, que me enviou, foi quem me prescreveu, por mandamento seu, o que devo dizer e como devo falar; e sei que o seu mandamento é a vida eterna; o que, pois, eu digo é segundo o que meu Pai me ordenou que o diga.” (João, 12:49 e 50.)

4. Os apóstolos, como dissemos, acreditavam piamente ser Jesus o Messias aguardado, o que pode ser deduzido com facilidade das seguintes citações abaixo:

“Que, pois, toda a Casa da Israel saiba, com absoluta certeza, que Deus fez Senhor e Cristo a esse Jesus que vós crucificastes.” (Atos, 2:33 a 36.)

“Moisés disse a nossos pais: O Senhor vosso Deus vos suscitará dentre os vossos irmãos um profeta como eu. Escutai-o em tudo o que ele disser. Quem não escutar esse profeta será exterminado do meio do povo. Foi por vós primeiramente que Deus suscitou seu Filho e vo-lo enviou para vos abençoar.” (Atos, 3:22, 23 e 26.)

“Foi a ele que Deus elevou pela sua destra, como sendo o príncipe e o salvador, para dar a Israel a graça da penitência e a remissão dos pecados.” (Atos, 5:29 a 31.)

“(…) estando Estêvão cheio do Espírito Santo e elevando os olhos ao céu, viu a glória de Deus e a Jesus que estava de pé à direita de Deus.” (Atos, 7:55 a 58.)

Com o advento de Jesus inicia-se para o globo terrestre uma nova era

5. Não é difícil compreender que a vinda de Jesus entre nós envolveu intenso trabalho por parte de todos aqueles Espíritos convocados a participar de sua gloriosa missão. Cada qual recebeu uma tarefa específica, de devotamento e amor, a fim de facilitar a vinda do governador espiritual da Terra aos planos inferiores.

6. Inicialmente, Jesus enviou às sociedades do globo o esforço de auxiliares valorosos nas figuras de Ésquilo, Eurípedes, Heródoto e Tucídides e, por fim, a extraordinária personalidade de Sócrates, entre os gregos. Na China encontraremos Fo-Hi, Lao-Tsé e Confúcio; no Tibet, a personalidade de Buda; no Pentateuco, Moisés; no Alcorão, Maomé, de modo que cada povo recebeu, em épocas diversas, antes e depois do seu advento, os instrutores enviados pelo Mestre.

7. A família romana, cujo esplendor conseguiu atravessar múltiplas eras, parecia atormentada pelos mais tenazes inimigos ocultos, que, aos poucos, minaram-lhe as bases mais sólidas, mergulhando-a na corrupção e no extermínio de si mesma. A vinda do Cristo estava próxima, mas Roma, sede do mundo, parecia não se dar conta disso.

8. As entidades angélicas do sistema, nas proximidades da Terra, se movimentavam e várias providências de vasta e generosa importância foram adotadas. E quando reinava Augusto na sede do governo do mundo, nasceu na pequena Belém o menino Jesus, iniciando-se para o globo terrestre uma nova era, cujo advento é recordado pelos homens, todos os anos, por ocasião do Natal.

Questões para fixação da leitura

1. Por que o povo judeu, sobretudo seus sacerdotes, não percebeu que o Messias chegara?

A razão não é difícil de entender. O povo judeu aguardava um Messias que pudesse libertá-lo do jugo de Roma e os sacerdotes pensavam que o Cristo deveria chegar envolto em glórias para conferir a Israel o cetro supremo na direção dos povos do planeta. Como nada disso aconteceu, eles não aceitaram, como ainda hoje não aceitam, que o Messias tivesse vindo.

2. Há passagens no Evangelho que mostram que Deus e Jesus são personalidades distintas?

Sim. Está bem caracterizado nas citações evangélicas que Jesus falava em nome do Pai e foi por Ele enviado, fato que mostra uma dualidade de pessoas e exclui a igualdade entre elas, porque o enviado necessariamente é alguém subordinado àquele que o envia.

3. A ideia, mais tarde concretizada pelos católicos, de que Jesus integra a trindade universal, era partilhada pelos apóstolos?

Não.

4. Sabemos que foram muitos os missionários enviados por Jesus ao planeta. Mencione alguns deles.

Ésquilo, Eurípedes, Heródoto e Tucídides e, por fim, a extraordinária personalidade de Sócrates, entre os gregos, Fo-Hi, Lao-Tsé e Confúcio, na China, e ainda Buda, Moisés e muitos outros.

5. Que significa para nós terrenos e para a história da Humanidade o nascimento de Jesus?

Seu nascimento significou, para toda a Humanidade terrena, o advento de uma nova era.

A equipe espiritual de Jesus

Sumário: Fatos importantes que precederam o nascimento de Jesus. Situação de Maria de Nazaré após a crucificação. Origem do nome "Casa da Santíssima". A missão de João Batista como precursor do Messias.

Após a crucificação de Jesus, Maria foi morar com João

1. Os historiadores do Império Romano sempre observaram com espanto os profundos contrastes da gloriosa época de Augusto. Caio Júlio César Otávio chegara ao poder envolto em uma série de acontecimentos felizes. Principiara com aquele jovem enérgico e magnânimo uma nova era. O grande império, como que influenciado por um conjunto de forças estranhas, descansava numa onda de harmonia e júbilo, depois de guerras seculares e tenebrosas. A paisagem gloriosa de Roma jamais reunira tão grande número de inteligências, visto que foi nessa época que surgiram Virgílio, Horácio, Ovídio, Salústio, Tito Lívio e Mecenas.

2. A razão desse espanto se deve ao fato de que muitos historiadores não se deram conta de que foi nessa mesma ocasião que o mundo conheceu o Evangelho. Esqueceram-se de que o nobre Otávio era também homem e, obviamente, não conseguiram saber que no seu reinado uma coorte especial, afeita à obra do Cristo, aproximava-se da Terra, em uma vibração profunda de amor e de beleza. Acercavam-se de Roma e do mundo não mais Espíritos belicosos, como Aníbal ou Alexandre, mas outros que se vestiriam dos andrajos dos pescadores para servirem de base indestrutível aos eternos ensinamentos do Messias. Imergiam nos fluidos do planeta os que preparariam a vinda de Jesus

e os que se transformariam em seguidores humildes e imortais dos seus passos.

3. Entre esses Espíritos destaca-se a figura de Maria de Nazaré, que, atendendo a uma solicitação de Jesus feita por ocasião da crucificação, foi morar com João, ao sul de Éfeso, distante três léguas aproximadamente da cidade. A habitação simples em que os dois passaram a morar situava-se num promontório, de onde se avistava o mar. No alto da pequena colina, distante dos homens, reuniam-se para cultivar a lembrança permanente de Jesus. Pousos e refúgios dos desamparados, a singela casa transformou-se num ponto de assembleias adoráveis, onde as recordações do Messias eram cultuadas por Espíritos humildes e sinceros.

Foi em Éfeso que Maria passou a ser chamada Mãe Santíssima

4. Maria externava suas lembranças e falava de Jesus com maternal enternecimento, enquanto o apóstolo comentava as verdades evangélicas. Grandes fileiras de necessitados costumavam acorrer ao sítio generoso, e ela atendia a todos os que a procuravam exibindo-lhe suas úlceras e necessidades. Sua choupana era, então, conhecida pelo nome de "Casa da Santíssima". O fato tivera origem em certa ocasião quando um pobre leproso, depois de aliviado em suas chagas, lhe beijou as mãos, murmurando: "Senhora, sois a mãe de nosso Mestre e a nossa Mãe Santíssima!".

5. Ao lado de Maria esteve por alguns anos um nobre Espírito sobre o qual temos poucas informações: José. Muito pouco nos fala a Bíblia sobre José, mas foi em sua presença que Jesus nasceu e com Maria ele estava quando Jesus foi apresentado no Templo e conduzido depois ao Egito. Também foi ele quem ensinou ao filho o ofício de carpinteiro. Tudo indica, porém, que José já havia partido para o mundo espiritual quando Jesus foi crucificado, o que explicaria o

pedido feito pelo Mestre para que Maria fosse, a partir daquele instante, morar com João.

6. Para recepcionar o influxo mental de Jesus, o Evangelho nos dá notícias de uma pequena congregação de médiuns. Lemos assim nos apontamentos da Boa Nova que Zacarias e Isabel, pais de João Batista, precursor do Cristo, "eram ambos justos perante Deus"; que Maria, a jovem simples de Nazaré, que acolheria o Messias em seus braços maternais, se achava em "posição de louvor diante do Eterno Pai"; que José da Galileia, o varão que o tomara sob paternal tutela, "era justo"; que Simeão, o amigo abnegado que o aguardou em prece, durante longo tempo, "era justo e obediente a Deus", e que Ana, a viúva que o esperou em oração, no templo de Jerusalém, vivia "servindo a Deus".

Entre os nascidos de mulher, o maior foi João Batista

7. É preciso que destaquemos também a figura espiritual de João Batista, filho de Isabel e Zacarias, chamado "o precursor", porque foi ele quem preparou os passos de Jesus e o apresentou ao mundo. O advento de João deu-se em circunstâncias particularíssimas, visto que, além de serem seus pais bastante idosos, Zacarias foi acometido de uma mudez temporária que somente findou com o nascimento do filho.

8. Após o nascimento de João – que fora anteriormente na Terra o grande profeta Elias – vamos encontrar o Batista na sua gloriosa tarefa de preparação do caminho à verdade, precedendo o trabalho que o mundo conheceria com Jesus. Vestido de pele e alimentando-se de mel selvagem, esclarecendo com energia e deixando-se degolar em testemunho à verdade, João precedeu a lição de misericórdia e bondade que Jesus iria em seguida trazer ao mundo.

9. João sentia-se, efetivamente, "a voz que clama no deserto" e preparava "os caminhos do Senhor". E foi dessa

maneira que se apresentou aos judeus e aos levitas. Classificado por Jesus como "o maior dos nascidos de mulher", ele se destacou por sua austeridade no modo de anunciar o Messias, chegando a atrair multidões que, convictas da sua superioridade moral e espiritual, entravam no Jordão para limpar-se das máculas do "homem velho" e de lá saíam limpas do corpo para simbolizar a limpeza da alma a que aspiravam.

Questões para fixação da leitura

1. Que fatos importantes para a vida na Terra precederam o nascimento de Jesus?

Uma coorte especial, afeita à obra do Cristo, aproximara-se da Terra, em uma vibração profunda de amor e de beleza. Acercavam-se de Roma e do mundo não mais Espíritos belicosos, como Aníbal ou Alexandre, mas outros que se vestiriam dos andrajos dos pescadores para servirem de base indestrutível aos eternos ensinamentos do Messias. Imergiam nos fluidos do planeta os que preparariam a vinda de Jesus e os que se transformariam em seguidores humildes e imortais dos seus passos. A paisagem gloriosa de Roma jamais reunira tão grande número de inteligências, visto que foi nessa época que surgiram Virgílio, Horácio, Ovídio, Salústio, Tito Lívio e Mecenas. Por causa disso, o grande império, como que influenciado por um conjunto de forças estranhas, descansava numa onda de harmonia e júbilo, depois de guerras seculares e tenebrosas.

2. Depois da crucificação de Jesus, onde e com quem foi morar Maria?

Maria, atendendo a uma solicitação de Jesus feita por ocasião da crucificação, foi morar com João, ao sul de Éfeso, distante aproximadamente três léguas da cidade.

3. Por que a choupana onde Maria passou a residir era conhecida pelo nome de "Casa da Santíssima"?

Naquela casa Maria externava suas lembranças e falava de Jesus com maternal enternecimento, enquanto o apóstolo comentava as verdades evangélicas. Grandes fileiras de necessitados costumavam acorrer ao sítio generoso, e ela atendia a todos os que a procuravam. A choupana passou a ser conhecida pelo nome de "Casa da Santíssima" quando um pobre leproso, depois de aliviado por ela em suas chagas, lhe beijou as mãos e murmurou: "Senhora, sois a mãe de nosso Mestre e a nossa Mãe Santíssima!".

4. Para recepcionar o influxo mental de Jesus, o Evangelho nos dá notícias de uma pequena congregação de médiuns. Quais são eles?

Zacarias e Isabel, pais de João Batista, precursor do Cristo; Maria, a jovem simples de Nazaré, que acolheu o Messias em seus braços maternais; José da Galileia, o varão que o tomou sob paternal tutela; Simeão, o amigo abnegado que o aguardou em prece, e Ana, a viúva que o esperou em oração no templo de Jerusalém.

5. Quem foi João Batista e qual a importância de sua missão como precursor do Messias?

Filho de Isabel e Zacarias, João Batista, chamado "o precursor", foi quem preparou os passos de Jesus e o apresentou ao mundo. João fora anteriormente na Terra o grande profeta Elias. Classificado por Jesus como "o maior dos nascidos de mulher", ele se destacou por sua austeridade no modo de anunciar o Messias, chegando a atrair multidões que, convictas da sua superioridade moral e espiritual, entravam no Jordão para limpar-se das máculas do "homem velho" e de lá saíam limpas do corpo para simbolizar a limpeza da alma a que aspiravam.

A missão de Jesus

Sumário: Objetivo central da missão de Jesus. Recurso estilístico usado por Jesus em suas pregações. As principais revelações feitas pelo Mestre. O verdadeiro milagre operado por Jesus, segundo Kardec.

O povo israelita achava que Jesus ensinava como quem tinha autoridade

1. Jesus veio ao mundo para, como profetizou Isaías, fazer raiar a luz aos que se achavam na região da morte, dar crença aos que não a tinham, guiar os que se haviam perdido e se achavam desviados da estrada da vida e, finalmente, apresentar-se a todos como o modelo, o paradigma, o enviado de Deus, o único capacitado a legar a nós um ensino puro e perfeito. É daí que surgiria a conhecida sentença que o evangelista João lhe atribuiu: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vai ao Pai senão por mim" (João, 14:6).

2. Descendo de Esfera Superior, Jesus surgiu entre os terráqueos em uma singela e tosca estrebaria. Apresentando-se como o Messias anunciado pelos profetas da Antiguidade, foi recebido com desconfiança, até mesmo por João Batista, o precursor, que certa vez enviou dois emissários para saberem se ele era, realmente, o esperado Filho de Deus. Iniciando a pregação do Reino do Céu, não conseguiu o entendimento imediato nem ao menos de seus discípulos. E desse modo exerceria seu ministério, entre incompreensão e desprezo, amargura e solidão.

3. Ninguém ignora a extrema simplicidade, a completa humildade, a pobreza e a singeleza com que Jesus marcou sua presença e seu messianato em nosso planeta. Sem ter

sequer onde reclinar a cabeça e sem nada possuir em termos materiais, cercou-se de pessoas incultas e reuniu em torno de si amigos rudes e iletrados de uma das regiões mais pobres pertencentes ao Império Romano. Peregrino paupérrimo, sem bolsa nem cajado, jamais ocupou qualquer cátedra e, sem nada haver escrito, dividiu as eras terrestres em antes e depois dele, como ninguém jamais o fez, permanecendo para sempre como a maior presença, o mais alto marco, a mais elevada e imorredoura expressão de toda a história da Humanidade.

4. Um fato, porém, digno de nota é que, apesar da resistência dos israelitas em reconhecê-lo como o Messias predito nas Escrituras, o povo que o escutava admirava sua doutrina porque percebia que ele ensinava como quem tinha autoridade, uma qualidade que não se destacava nas explanações feitas pelos escribas (Mateus, 7:28-29).

Verdades transcendentais e importantes nos foram trazidas por Jesus

5. Como se sabe, os escribas e os rabinos do mosaísmo costumavam ser minudentes na explanação dos cerimoniais e das práticas exteriores do culto, mas nunca haviam exposto verdades tão profundas nem sensibilizaram os corações de seu povo com tão expressivos apelos à retidão do caráter, à brandura, à caridade, à misericórdia, ao perdão, à tolerância e ao desapego dos bens terrenos, como Jesus fez no sermão do monte e em inúmeras outras ocasiões.

6. Como sábio educador que foi e é, o Mestre recorria com frequência às parábolas a fim de melhor interessar e impressionar seus ouvintes. Esse recurso fez com que seus ensinamentos atingissem diretamente as mentes e os corações dos homens e, além disso, se perpetuassem na memória dos povos ao longo dos séculos.

7. Verdades transcendentais e importantes nos foram trazidas por Jesus e registradas nos Evangelhos. O Cristo

nos revelou a amorosa paternidade do Deus Eterno, conscientizou-nos de sua onipotente bondade, de sua misericórdia e infalível justiça, de sua presença onímoda e perene, ensinando-nos a elevar até Ele a força do nosso pensamento e a confiar com filial devoção na sua infatigável providência.

8. Ao proclamar esta síntese da justiça indefectível – “A cada um será dado segundo suas obras” –, o Cristianismo se firma como a doutrina da moralização dos costumes e da ética em seus aspectos mais excelentes. Longe de se constituir em uma nova seita ou um novo partido, é ele, na verdade, um código de moral que abrange o direito de todos e estabelece, ao mesmo tempo, a responsabilidade de cada indivíduo segundo as condições em que se encontra e a influência que exerce no seio da coletividade.

O verdadeiro milagre de Jesus não consistiu nas curas que operou

9. Para ser cristão, no verdadeiro sentido da palavra, é preciso, acima de tudo, ser fiel a Deus, não apenas nos momentos de tranquilidade, mas sobretudo nas horas tormentosas, em que tudo parece desabar e perecer. O divino legado de Jesus, que a Humanidade ainda não consegue entender, é o de um mundo feliz, de paz e de amor, sem injustiças, sem opróbrios, sem miséria, sem orfandade, sem crimes, sem ódios, sem fratricídios e sem guerras.

10. No exercício de sua missão de amor, Jesus operou fenômenos considerados milagrosos; no entanto, as curas e os prodígios por ele realizados pertencem em sua maioria à ordem dos fenômenos psíquicos, ou seja, fenômenos que têm como causa primária as faculdades e os atributos da alma, razão pela qual muitos deles foram repetidos ao longo da história por indivíduos diversos, confirmando esta conhecida assertiva do Messias: “O que eu faço vós podeis fazer também, e muito mais”.

11. Espírito perfeito e sábio, Jesus operava prodígios aos olhos dos terrícolas ainda ignorantes, sem derrogar nenhuma lei da natureza. Manipulava os fluidos como lúcido conhecedor de suas propriedades e qualidades e, portanto, não há por que falar em milagres nas curas que operou, como Allan Kardec explica muito nos capítulos XIV e XV de seu livro *A Gênese*.

12. O verdadeiro milagre de sua passagem pela Terra foi outro, ou seja, haver conseguido em pouco mais de três anos, sem nada haver escrito e vivendo numa das regiões mais pobres de sua época, modificar a face espiritual do mundo em que vivemos, o qual, desde então, divide sua história em "antes" e "depois" do Cristo.

Questões para fixação da leitura

1. Em que consistiu, verdadeiramente, a missão de Jesus?

Jesus veio ao mundo para fazer raiar a luz aos que se achavam na região da morte, dar crença aos que não a tinham, guiar os que se haviam perdido e se achavam desviados da estrada da vida e, finalmente, apresentar-se a todos como o modelo, o paradigma, o enviado de Deus, o único capacitado a legar a nós um ensino puro e perfeito.

2. Diz Mateus que o povo israelita admirava o modo como Jesus falava. Por quê?

O povo que o escutava admirava sua doutrina porque percebia que ele ensinava como quem tinha autoridade, uma qualidade que não se destacava nas explanações feitas pelos escribas.

3. Que recurso estilístico Jesus utilizava costumeiramente em suas pregações?

O Mestre recorria com frequência às parábolas a fim de melhor interessar e impressionar seus ouvintes. Esse

recurso fez com que seus ensinamentos atingissem diretamente as mentes e os corações dos homens e, além disso, se perpetuassem na memória dos povos ao longo dos séculos.

4. Muitas revelações nos foram feitas por Jesus. Quais, dentre elas, são consideradas as mais importantes?

Ele nos revelou a amorosa paternidade do Deus Eterno, conscientizou-nos de sua onipotente bondade, de sua misericórdia e infalível justiça, de sua presença onímoda e perene, ensinando-nos a elevar até Ele a força do nosso pensamento e a confiar com filial devoção na sua infatigável providência. O divino legado de Jesus, que a Humanidade ainda não consegue entender, é o de um mundo feliz, de paz e de amor, sem injustiças, sem opróbrios, sem miséria, sem orfandade, sem crimes, sem ódios, sem fratricídios e sem guerras.

5. O Espiritismo não considera milagres nem as curas nem os prodígios operados por Jesus. O verdadeiro milagre que ele operou foi outro. Que milagre foi esse?

Espírito perfeito e sábio, Jesus operava prodígios aos olhos dos terrícolas ainda ignorantes, sem derrogar nenhuma lei da natureza. Mas o verdadeiro milagre de sua passagem pela Terra foi outro, ou seja, haver conseguido em pouco mais de três anos, sem nada haver escrito e vivendo numa das regiões mais pobres de sua época, modificar a face espiritual do mundo em que vivemos, o qual, desde então, divide sua história em "antes" e "depois" do Cristo.

Os apóstolos do Senhor

Sumário: Os primeiros apóstolos de Jesus. Que faziam e como era a convivência deles com o Mestre. Quem foi Matias, o discípulo que substituiu Judas Iscariote. Paulo de Tarso e sua missão como Apóstolo dos Gentios.

O grupo de apóstolos reuniu inicialmente doze pessoas

1. Jesus congregou em torno de si doze discípulos diretos: André, irmão de Pedro; Bartolomeu; Filipe; João, irmão de Tiago maior; Judas Iscariote; Mateus (Levi); Simão Pedro (Cefas); Simão Cananeu, também chamado "O Zelote"; Judas Tadeu; Tiago maior, filho de Zebedeu; Tiago menor, filho de Alfeu, e Tomé (Dídimo).

2. Incumbidos de pregar o Evangelho ou Boa Nova, cada qual se imortalizou como enviado ou "apóstolo". Esses Espíritos, chamados por Jesus para compor seu colégio apostolar, seriam os intérpretes de suas ações e de seus ensinamentos.

3. Pedro, André e Filipe eram filhos de Betsaida, de onde vinham igualmente Tiago e João, filhos de Zebedeu. Levi, Tadeu e Tiago, filhos de Alfeu e sua esposa Cleofas, parenta de Maria, eram nazarenos e amavam a Jesus desde a infância, sendo muitas vezes chamados de "irmãos do Senhor", tendo em vista suas profundas afinidades afetivas. Tomé descendia de um antigo pescador de Dalmanuta, e Bartolomeu pertencia a uma laboriosa família de Caná da Galileia. Simão, mais tarde chamado "O Zelote", havia deixado sua terra em Canaã para dedicar-se à pesca, e somente um deles, Judas, destoava um pouco desse concerto, pois nascera em Iscariote e se consagrara a um

pequeno comércio em Cafarnaum, onde vendia peixes e quinquilharias.

4. O reduzido grupo de companheiros do Messias experimentou a princípio certas dificuldades para harmonizar-se. Mateus, que inicialmente era chamado de Levi, continuava nos seus trabalhos da coletoria local e Judas Iscariote prosseguia nos seus negócios, embora se reunissem diariamente aos demais companheiros, que viviam quase que constantemente com Jesus, junto às águas transparentes do Tiberíades.

Ao grupo inicial juntaram-se mais tarde Matias e Paulo

5. Mateus não era pescador, mas publicano, e se conservou na obscuridade enquanto o Cristo estava na Terra. Somente depois da ascensão do Senhor ele entrou em ação, pregando na Judeia e nos países vizinhos, até a dispersão dos apóstolos. Segundo Cairbar Schutel, Mateus teria aproveitado seus momentos de folga para escrever o Evangelho que leva seu nome.

6. Filho de Simão Iscariote, da cidade de Carioth, Judas era, segundo Humberto de Campos, um apaixonado pelas ideias socialistas de Jesus e entendia que a política seria a única arma com a qual poderia triunfar, além do que não conseguia conciliar a vitória com o desprendimento das riquezas. Ao entregar Jesus a Caifás, ele não imaginou que as coisas tomassem o rumo que tomaram e, em desespero, suicidou-se.

7. Irmão de André, Simão Pedro era pescador e, integrando o grupo desde o início, tornou-se uma espécie de intérprete dos apóstolos e aparentemente dos mais assíduos junto ao Mestre, que certamente por isso designou-o como a "pedra" sobre a qual edificaria sua igreja, conforme anotou Mateus (16:18).

8. Além dos doze apóstolos que integraram o grupo inicial cabe-nos mencionar dois discípulos que se juntaram mais tarde ao colégio apostólico: Matias e Paulo.

Paulo nasceu em Tarso, mas foi educado em Jerusalém

9. Matias substituiu Judas Iscariote e pouco se sabe sobre seu trabalho antes dessa escolha, salvo que fora um dos 72 discípulos que o Senhor designou e enviou, dois a dois, a todas as cidades e lugares que pretendia visitar. Segundo uma tradição confirmada entre os gregos, após o Pentecostes, Matias pregou o Evangelho na Capadócia e para os lados do Ponto Euxino.

10. Paulo nasceu em Tarso, na Cilícia, e pertencia a uma família de judeus da seita farisaica. Educado em Jerusalém, foi discípulo de Gamaliel. Depois de liderar uma intensa perseguição aos cristãos, Paulo se converteu ao Cristianismo às portas de Damasco e, a partir daí, realizou um trabalho que não encontrou similar em nenhum dos demais apóstolos do Cristo.

11. Falar da missão de Paulo e de sua vigorosa personalidade não é tarefa fácil. Para conhecê-la em suas minúcias é indispensável a leitura do livro *Paulo e Estêvão*, de autoria de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier. Resumidamente, podemos dizer que a missão de Paulo de Tarso foi levar a Boa Nova aos gentios e, desse modo, universalizar o Cristianismo, trabalho que realizou com verdadeiro devotamento e imensos sacrifícios.

12. Na execução de sua missão, Paulo fez três grandes viagens indo a Bitínia, Capadócia, Cilícia, Frígia, Galácia, Lícia e a muitas outras localidades, inclusive Roma. E se imortalizou também por suas epístolas, em número de 14. Preso e conduzido a Roma, foi na capital do Império Romano que veio a desencarnar, vitimado por um golpe de espada que lhe fendeu a garganta e seccionou-lhe quase inteiramente a cabeça.

Questões para fixação da leitura

1. Quem foram os primeiros apóstolos de Jesus?

Seus doze discípulos diretos, ou apóstolos, foram: André, irmão de Pedro; Bartolomeu; Filipe; João, irmão de Tiago maior; Judas Iscariote; Mateus (Levi); Simão Pedro (Cefas); Simão Cananeu, também chamado "O Zelote"; Judas Tadeu; Tiago maior, filho de Zebedeu; Tiago menor, filho de Alfeu, e Tomé (Dídimo).

2. O grupo de companheiros do Messias enfrentou dificuldades para harmonizar-se?

No início, sim.

3. Dos apóstolos iniciais, dez se encontravam quase que diariamente ao lado de Jesus. Como se chamavam os outros dois?

Mateus e Judas Iscariote.

4. Com a morte de Judas Iscariote, um dos discípulos foi escolhido para substituí-lo. Qual o seu nome?

Matias.

5. Quem foi Paulo e que fatos podemos destacar no seu trabalho apostolar?

Paulo nasceu em Tarso, na Cilícia, e pertencia a uma família de judeus da seita farisaica. Educado em Jerusalém, foi discípulo de Gamaliel. Depois de liderar uma intensa perseguição aos cristãos, Paulo se converteu ao Cristianismo às portas de Damasco e, a partir daí, realizou um trabalho que não encontrou similar em nenhum dos demais apóstolos do Cristo. Resumidamente, podemos dizer que a missão de Paulo de Tarso foi levar a Boa Nova aos gentios e, desse modo, universalizar o Cristianismo, trabalho que realizou com verdadeiro devotamento e imensos sacrifícios.

O Novo Testamento

Sumário: Partes constitutivas do Novo Testamento. Os Evangelhos sinóticos. Os Evangelhos apócrifos. Aspecto que diferencia o Evangelho de João dos demais. Partes em que podem ser divididas as matérias contidas nos Evangelhos.

O Novo Testamento pode ser dividido em duas partes

1. Segundo J. Herculano Pires, foi das mãos de Moisés que surgiu a Bíblia. "Não foi Moisés quem a escreveu", diz Herculano, "mas foi ele o motivo central dessa primeira codificação do novo ciclo de revelações: o cristão." A Bíblia é, assim, a codificação da primeira revelação cristã. O Evangelho é a codificação da segunda revelação cristã – acentua Herculano – "a que brilha no centro da tríade dessas revelações, tendo na figura do Cristo o sol que ilumina as duas outras, que lança a sua luz sobre o passado e o futuro, estabelecendo entre ambos a conexão necessária". O Velho Testamento pode ser comparado, no dizer de Emmanuel, a um apelo dos homens a Deus. O Novo Testamento seria a resposta de Deus aos homens, e *O Livro dos Espíritos*, a síntese desse diálogo. (Leia-se sobre o assunto "Introdução ao Livro dos Espíritos", Lake, 1957.)

2. O Novo Testamento pode ser dividido em duas partes: os Evangelhos e os Escritos Apostólicos. Os Evangelhos surgiram nesta ordem: Mateus, Marcos, Lucas e João. Os Escritos Apostólicos são constituídos pelos Atos dos Apóstolos, escritos por Lucas entre os anos 62 e 63 d.C., pelas Epístolas e pelo Apocalipse.

3. As Epístolas são cartas que Paulo, Tiago, Pedro, João e Judas escreveram às comunidades cristãs. Paulo escreveu

14 epístolas com destinatários definidos. As epístolas escritas pelos outros Apóstolos são consideradas universais ou católicas, por não se dirigirem a igrejas ou pessoas como as de Paulo de Tarso.

4. O Apocalipse foi escrito por João na Ilha de Patmos, entre os anos 94 e 96 d.C.

Os três primeiros Evangelhos são chamados de sinóticos

5. Mateus, ou Levi, o publicano que integrava o colégio dos doze apóstolos, escreveu o primeiro Evangelho, composto na língua hebraica, isto é, o aramaico, que foi mais tarde traduzido para o grego. João, também apóstolo do Senhor, Marcos e Lucas escreveram seus textos em grego. Marcos, que não conviveu com o Cristo, valeu-se para escrevê-lo das reminiscências de Pedro. Lucas utilizou outras fontes, entre elas Paulo de Tarso.

6. Os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são chamados de sinóticos porque permitem uma vista de conjunto, dada a semelhança de suas versões. O Evangelho de João, o último dos quatro, constitui uma obra singular e obedece a um plano diferente.

7. É preciso, porém, lembrar que ao lado desses Evangelhos, que foram os únicos reconhecidos pela Igreja como autênticos e divinamente inspirados, são conhecidos atualmente cerca de vinte textos, chamados de Evangelhos apócrifos, número esse que no século III Orígenes dizia ser muito maior e Fabrício estimava em trinta e cinco.

8. Os Evangelhos sinóticos acham-se fortemente impregnados do pensamento judeu-cristão inerente aos apóstolos, enquanto o Evangelho de João se inspira em influência diferente e, apesar de ser bem mais complexo, dirige-se aos cristãos em geral.

Nos Evangelhos o que importa são os ensinamentos morais de Jesus

9. João parece ter recebido, ao escrevê-lo, influência bastante forte de uma corrente de pensamento amplamente difundida em certos círculos do judaísmo, cuja expressão se redescobriu recentemente nos documentos essênios de Qumrã, nos quais se atribui uma importância especial ao conhecimento.

10. A respeito do assunto, escreveu Emmanuel: "As peças nas narrações evangélicas identificam-se naturalmente, entre si, como partes indispensáveis de um todo, mas somos compelidos a observar que, se Mateus, Marcos e Lucas receberam a tarefa de apresentar, nos textos sagrados, o Pastor de Israel na sua feição sublime, a João coube a tarefa de revelar o Cristo Divino, na sua sagrada missão universalista" (O Consolador, questão 284).

11. Na introdução de seu livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, asseverou Allan Kardec: "Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas, e o ensino moral. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas".

12. A advertência do Codificador do Espiritismo vem bem a propósito nestes tempos em que têm surgido tantas controvérsias sobre os atos comuns da vida do Cristo e os personagens que dela fizeram parte, porque para nós o que é realmente importante nos Evangelhos são os ensinamentos morais que eles contêm, e é neles que podemos encontrar os recursos que nos porão no caminho infalível da felicidade esperada. As controvérsias referidas podem interessar ao cinema e aos ficcionistas, mas

nenhuma relevância têm para o cristão consciente do seu papel e dos seus deveres.

Questões para fixação da leitura

1. Em quantas partes pode ser dividido o Novo Testamento?

O Novo Testamento pode ser dividido em duas partes: os Evangelhos e os Escritos Apostólicos. Os Evangelhos surgiram nesta ordem: Mateus, Marcos, Lucas e João. Os Escritos Apostólicos são constituídos pelos Atos dos Apóstolos, escritos por Lucas entre os anos 62 e 63 d.C., pelas Epístolas e pelo Apocalipse.

2. Quais Evangelhos são chamados de sinóticos e por que se lhes dá esse nome?

São três os evangelhos sinóticos: os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. São eles chamados de sinóticos porque permitem uma vista de conjunto, dada a semelhança de suas versões. O Evangelho de João, o último dos quatro, constitui uma obra singular e obedece a um plano diferente.

3. Além dos Evangelhos reconhecidos pela Igreja como divinamente inspirados, quantos são os Evangelhos chamados apócrifos?

O número real varia. Fala-se em cerca de vinte textos os chamados Evangelhos apócrifos, número esse que no século III Orígenes dizia ser muito maior e Fabrícus estimava em trinta e cinco.

4. Em que aspecto o Evangelho de João se diferencia dos demais?

Os Evangelhos sinóticos acham-se fortemente impregnados do pensamento judeu-cristão inerente aos apóstolos, enquanto o Evangelho de João se inspira em influência diferente e, apesar de ser bem mais complexo, dirige-se aos cristãos em geral. João parece ter recebido, ao

escrevê-lo, influência bastante forte de uma corrente de pensamento amplamente difundida em certos círculos do judaísmo, cuja expressão se redescobriu recentemente nos documentos essênios de Qumrã, nos quais se atribui uma importância especial ao conhecimento.

5. Em quantas partes, segundo Kardec, podem dividir-se as matérias contidas nos Evangelhos?

Podem – diz Kardec – dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas, e o ensino moral. As quatro primeiras têm sido, ao longo dos tempos, objeto de controvérsias. A última, porém, conservou-se constantemente inatacável e diante dela a própria incredulidade se curva. É um terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais constituiu matéria das disputas religiosas.

A moral cristã

Sumário: Virtudes que, segundo Kardec, resumem a moral ensinada por Jesus. A importância para nós da prática da caridade. Conceito de caridade segundo Jesus. O Sermão da Montanha e sua mensagem.

A moral de Jesus resume-se na caridade e na humildade

1. No dizer de Cairbar Schutel, Jesus foi o maior revolucionário que apareceu no mundo. Mas a revolução cristã, segundo Cairbar, "é a execração do ódio e a proclamação do amor; é a bandeira da fraternidade universal, flutuando na Inteligência, sob a paternidade de Deus". Espírito incomparável em sabedoria e em virtudes, Jesus foi escolhido por Deus para trazer a lei da reforma social à Terra a fim de que possam imperar no lar, na sociedade e nas nações os preceitos de amor recíproco em plena atividade para a evolução da Humanidade.

2. Os princípios essenciais da doutrina cristã acham-se claramente enunciados nos Evangelhos. Para Jesus, toda a religião, toda a filosofia, numa só palavra, consistem no amor. Sob a suave e meiga palavra do Cristo, impregnada toda ela do sentimento da natureza, sua doutrina se reveste de um encanto irresistível e penetrante. Saturada de terna solicitude pelos fracos e pelos deserdados, glorifica a pobreza e a simplicidade e ensina que a riqueza é um estorvo que pode, quando não bem administrada, impedir os voos da alma e retê-la longe do reino de Deus. A renúncia e a humildade, ao contrário, desatam esses laços e facilitam a ascensão da criatura humana para a luz.

3. A doutrina evangélica atravessou os séculos como a expressão máxima do espiritualismo, o supremo remédio para os males terrestres, a consolação das almas aflitas na travessia da vida, semeada de tantas lágrimas e angústias. A Boa Nova ressuma esperança, pois é a história do homem angustiado que suplica e, na medida em que pede, recebe a resposta de Jesus na forma de socorro lenificador incessante, como uma dádiva de Deus para a libertação do ser.

4. Kardec ensina que toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Com efeito, em todos os seus ensinamentos, o Mestre aponta a caridade e a humildade como sendo as virtudes que conduzirão o homem à eterna felicidade, ao mesmo tempo em que não se cansa de combater o orgulho e o egoísmo.

Jesus indica a caridade como condição absoluta da felicidade futura

5. Com respeito à caridade, é bom que se frise, Jesus não se limitou a recomendá-la, mas a colocou claramente e em termos explícitos como a condição absoluta da felicidade futura, do que se conclui que sendo caridosos e humildes estaremos vivenciando o Cristianismo no seu sentido mais amplo, que é a prática da lei do amor.

6. A caridade, como bem sabemos, não se restringe à esmola ou à beneficência, porque ela deve abranger todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais ou nossos superiores. Como explicaram os Espíritos superiores, a caridade, tal como a entendia Jesus, significa benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições dos outros, perdão das ofensas:

- Benevolência com todos porque somos todos irmãos e é assim que nosso Pai deseja que nos tratemos.

- Indulgência para com os outros porque, como nós ainda cometemos muitos erros, precisamos também da indulgência alheia.

- Perdão das ofensas porque a atitude contrária ao perdão faz mal àquele que não consegue perdoar.

7. Embora Jesus recorresse quase sempre ao recurso das parábolas, porque nem todos possuíam evolução espiritual necessária para apreender as verdades evangélicas em toda a sua profundidade, o Mestre não deixou dúvida alguma sobre a necessidade da caridade e do amor ao próximo como condições para o ingresso da criatura humana no chamado Reino dos céus.

8. Lembremos, a propósito disso, os ensinamentos que se seguem:

"Nem todos os que dizem: Senhor, Senhor! entrarão no reino dos céus; mas sim os que fazem a vontade do meu Pai que está nos céus." (Mateus, 7:21.)

"Assim, todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática, será semelhante a um homem ajuizado, que constrói sua casa sobre a rocha. Cai a chuva, correm as enxurradas, sopram os ventos que se lançam contra essa casa. Mas ela não desaba, porque está construída sobre a rocha." (Mateus, 7:24-25.)

"Portanto, tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei o mesmo também vós a eles: nisso está a Lei e os Profetas." (Mateus, 7:12.)

"Então, o rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era estrangeiro e me acolhestes. Estava nu e me vestistes, doente e me visitastes, na prisão e me viestes ver." (Mateus, 25:34-36.)

O Sermão da Montanha contém a síntese dos ensinamentos morais do Cristo

9. Não podemos, por fim, deixar de mencionar o Sermão da Montanha, que o evangelista Mateus registrou nos capítulos 5, 6 e 7 do seu Evangelho, no qual Jesus compôs, com a simplicidade da sabedoria autêntica e com a profundidade da verdade revelada, uma síntese das leis morais que regem a evolução humana.

10. No Sermão da Montanha deparamo-nos com cinco temas principais:

- a. o espírito que deve animar os filhos do Reino
- b. o espírito com que devem eles cumprir as leis e as práticas do judaísmo
- c. o desprendimento das riquezas
- d. as relações com o próximo
- e. a necessidade de entrar no Reino por uma decisão corajosa que se traduza em atos.

11. Gandhi, o inesquecível líder hindu, afirmou certa vez que o Sermão da Montanha é a mais bela página da Humanidade e que por si só preservaria os patrimônios espirituais humanos, ainda que se perdessem os livros sagrados de todas as religiões.

Questões para fixação da leitura

1. Quais são as virtudes que, segundo Kardec, resumem a moral ensinada por Jesus?

Kardec ensina que toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho.

2. Que importância tem para nós a prática da caridade, segundo os ensinamentos de Jesus?

Jesus não se limitou a recomendar a prática da caridade, mas a colocou claramente e em termos explícitos como a

condição absoluta da felicidade futura, do que se conclui que sendo caridosos e humildes estaremos vivenciando o Cristianismo no seu sentido mais amplo, que é a prática da lei do amor.

3. A caridade não se restringe à esmola. Qual é o conceito de caridade na visão dos Espíritos superiores?

Conforme explicação dada pelos Espíritos superiores, a caridade, tal como a entendia Jesus, significa benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.

4. Mencione alguma passagem evangélica em que o amor ao próximo e a caridade estejam claramente mencionados por Jesus.

Eis três conhecidas passagens do Evangelho que tratam de forma explícita do assunto referido:

1) "Assim, todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática, será semelhante a um homem ajuizado, que constrói sua casa sobre a rocha. Cai a chuva, correm as enxurradas, sopram os ventos que se lançam contra essa casa. Mas ela não desaba, porque está construída sobre a rocha." (Mateus, 7:24-25).

2) "Portanto, tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei o mesmo também vós a eles: nisso está a Lei e os Profetas." (Mateus, 7:12).

3) "Então, o rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era estrangeiro e me acolhestes. Estava nu e me vestistes, doente e me visitastes, na prisão e me viestes ver." (Mateus, 25:34-36)

5. Que contém o Sermão da Montanha e em qual evangelho ele é apresentado em sua totalidade?

No Sermão da Montanha, que contém uma síntese dos ensinamentos de Jesus, deparamo-nos com cinco temas principais: o espírito que deve animar os filhos do Reino; o espírito com que devem eles cumprir as leis e as práticas do judaísmo; o desprendimento das riquezas; as relações com o próximo; a necessidade de entrar no Reino por uma decisão corajosa que se traduza em atos. O Sermão está contido por inteiro nos cap. 5 a 7 do Evangelho de Mateus.

Adoração a Deus

Sumário: Prova da existência de Deus. Dificuldade em compreendermos a natureza íntima de Deus. Em que consiste a adoração a Deus. Forma de adoração mais agradável ao Criador.

Somente com a evolução é que veremos Deus de forma diferente

1. Tema de abertura da principal obra do Espiritismo, Deus é definido de forma bastante clara pelos imortais como sendo a inteligência suprema e a causa primária de todas as coisas. A prova de sua existência, explicam os Espíritos superiores, encontramos num axioma que utilizamos em nossas ciências: "Não há efeito sem causa". "Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem, e vossa razão vos responderá." (*O Livro dos Espíritos*, questões 1 e 4.)

2. A questão de Deus é, com efeito, o mais grave de todos os problemas suspensos sobre nossas cabeças e cuja solução se liga, de maneira estrita e imperiosa, ao problema do ser humano e de seu destino. O conhecimento da verdade sobre Deus, sobre o mundo e sobre a vida é – no dizer de Léon Denis – o que há de mais essencial, de mais necessário, porque é Ele que nos sustenta, nos inspira e nos dirige, mesmo à nossa revelia.

3. Diz-nos Pietro Ubaldi que só gradualmente conseguiremos entender a essência das manifestações do Criador quando, pelo desenvolvimento de nossas capacidades perceptivas e conceptuais, formos aprendendo a penetrar na profundidade das coisas. É, por isso, realmente maravilhoso que Espíritos ainda em acanhada condição evolutiva, como a nossa, tenhamos concebido

desde sempre a certeza da existência de um Ser Superior que a tudo governa.

4. A princípio, essa ideia – inata no homem – é vaga e bastante abstrata. Com a evolução, através de múltiplas experiências reencarnatórias, passamos a ver Deus de maneira diferente. A sábia natureza limitou nossas percepções e nossas sensações e é de degrau a degrau, lentamente, que ela nos conduz no caminho do saber, ao conhecimento do Universo, seja o visível, seja o oculto.

Falta ao homem um sentido que lhe permita compreender Deus

5. Esse pensamento pode ser colhido nas respostas dadas pelos imortais às questões 10 e 11 de *O Livro dos Espíritos*:

Questão 10 – Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus? – “Não, porque lhe falta para isso um sentido.”

Questão 11 – Um dia será dado ao homem compreender o mistério da Divindade? – “Quando seu Espírito não estiver mais obscurecido pela matéria e, pela sua perfeição, estiver próximo dele, então ele o verá e o compreenderá.”

6. Para bem entender o significado da questão n. 10 – que afirma que falta ao homem um sentido que lhe permita a compreensão da Divindade – basta-nos lembrar que um cego de nascença não tem condições de definir a luz ou distinguir as cores, algo que as criancinhas podem fazer, justamente porque falta ao cego o sentido da visão. Se além de cego, fosse ele surdo, também lhe seria impossível distinguir os sons. Lembremos também que existem no reino animal seres que só possuem o sentido do tato e, no entanto, conseguem viver e sobreviver no meio em que se encontram.

7. Chegaremos assim um dia, partindo de uma ideia primitiva de Deus, a um entendimento mais dilatado e

superior, mas desde já podemos compreender que Deus, tal qual o concebemos, não é o deus do panteísmo oriental nem o deus antropomorfo, monarca do céu, exterior ao mundo, de que nos falam as religiões do Ocidente, visto que Deus, embora tenha criado o Universo, com ele não se confunde.

Adorar a Deus é elevar o pensamento até Ele, é aproximar-se dele

8. Esse grande Ser, absoluto, eterno, soberanamente justo e bom, que conhece nossas necessidades, que é sensível a nossas dores, é qual o imenso foco em que todos os seres, pela comunhão do pensamento e do sentimento, vêm haurir forças, o socorro, a inspiração necessária para os guiar na senda do destino, para os sustentar em suas lutas, consolar em suas misérias, levantar em seus desfalecimentos e quedas.

9. Se, como vimos anteriormente, a ideia de Deus é inata no ser humano, não é possível descrever da afirmação contida na questão 651 de *O Livro dos Espíritos* segundo a qual nunca houve povos ateus, porque sempre os homens compreenderam que acima de tudo há um Ente Supremo no Universo.

10. É evidente que, individualmente considerados, existem homens que negam a Deus, mas esses, em número ínfimo, nada mais são que indivíduos transitoriamente envolvidos pelo manto da ignorância. Propõe-nos Pietro Ubaldi que digamos a alguém que pense assim: "Desperta e sentirás que Deus está a teu lado, está dentro de ti, é a tua vida, a vida de tudo", porque a concepção da paternidade divina traz benefícios enormes ao Espírito e é dessa paternidade que decorre a necessidade da fraternidade humana.

11. Em decorrência de tudo o que vimos não é difícil entender e justificar a adoração que os homens devem ter para com o Criador, entendendo-se por adoração a elevação do pensamento a Deus, um tema que Kardec examinou nas

questões 649 e seguintes d' *O Livro dos Espíritos*, adiante sintetizadas:

- a. Adoração consiste na elevação do pensamento a Deus. Pela adoração a alma se aproxima do Criador.
- b. A adoração resulta de um sentimento inato como o da Divindade. A consciência de sua fraqueza leva o homem a se curvar diante daquele que o pode proteger.
- c. A adoração tem sua origem na lei natural. Por isso, ela se encontra em todos os povos, ainda que sob formas diferentes.
- d. A verdadeira adoração está no coração. Imaginemos sempre que em todas as nossas ações um senhor nos observa.
- e. A adoração é útil quando não passa de vã simulação.
- f. Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, e não os que creem honrá-lo por meio de cerimônias que não os tornam melhores para seus semelhantes.
- g. Aquele que não tem senão a piedade exterior é um hipócrita. Os cânticos não chegam a Deus senão pela porta do coração.
- h. Os homens reunidos por uma comunhão de pensamentos e de sentimentos têm mais força para chamarem para si os bons Espíritos. Dá-se o mesmo quando se reúnem para adorarem a Deus. Não acreditemos, porém, que a adoração particular seja menos boa, porque cada um pode adorar a Deus pensando nele.
- i. A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele, aproximar-se dele e colocar-se em comunicação com ele.

Questões para fixação da leitura

1. Onde podemos encontrar, segundo o Espiritismo, a prova da existência de Deus?

A prova da existência de Deus encontramos num axioma que utilizamos em nossas ciências: "Não há efeito sem causa". Disseram-nos os imortais: "Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem, e vossa razão vos responderá".

2. O pensamento que formulamos acerca de Deus é ainda muito primário. Chegaremos um dia a compreender Deus e dirimir todas as dúvidas que essa questão ainda nos apresenta?

Sim. Chegaremos um dia a um entendimento mais dilatado e superior a respeito do Criador.

3. Por que razão diz o Espiritismo que o homem da nossa época não pode compreender a natureza íntima de Deus?

O motivo disso é que falta ao homem de nossa época um sentido que lhe permita a compreensão da Divindade. Somos ainda, em relação ao Criador, como um cego de nascença em face da luz ou das cores, que ele não tem condições de distinguir por lhe faltar o sentido da visão.

4. Em que consiste a adoração a Deus e quais as suas conseqüências para os homens?

A adoração consiste na elevação do pensamento a Deus. Pela adoração a alma se aproxima do Criador, mas ela somente é útil quando não passa de vã simulação.

5. Que forma de adoração é mais agradável ao Criador?

A verdadeira adoração está no coração. Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, e não os que creem honrá-lo por meio de cerimônias que não os tornam melhores.

A fé e seu poder

Sumário: Conceito de fé. As várias acepções do vocábulo fé. Fé cega e fé raciocinada. Diferença entre crença e fé. A fé não se impõe nem se decreta. O que Jesus de Nazaré ensinou sobre a fé e sua importância.

A fé autêntica não fica estagnada em circunstância nenhuma

1. O vocábulo "fé" tem várias acepções. No sentido comum, significa a confiança do indivíduo em si mesmo, pois os que dispõem de semelhante confiança são capazes de realizações que pareceriam impossíveis àqueles que de si duvidam. Dá-se igualmente o nome de fé à crença nos dogmas dessa ou daquela religião, casos em que recebe adjetivação específica: fé cristã, fé judaica, fé católica etc.

2. Existe, por fim, a fé pura, a fé não sectária, que se traduz por uma segurança absoluta no amor, na justiça e na misericórdia de Deus. De todas as espécies de fé, esta é, sem dúvida, a mais sublime e também a mais difícil de ser encontrada, por constituir apanágio de poucas almas de escol, cujo aprimoramento vem de longo tempo.

3. Ter fé em Deus é guardar no coração luminosa certeza de que nosso Pai existe e não deixa ao desamparo nenhum dos seus filhos, convicção essa que ultrapassa o âmbito da simples crença religiosa. Conseguir fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer: "eu creio", mas sim: "eu sei", com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento.

4. Essa fé não fica estagnada em nenhuma circunstância da vida e sabe trabalhar sempre, intensificando a amplitude de sua iluminação pela dor, pela responsabilidade, pelo

esforço e pelo dever cumprido. Traduzindo a certeza na assistência de Deus, ela exprime a confiança que sabe enfrentar todas as lutas e os problemas, com a luz divina no coração.

Levada ao excesso, a fé cega pode produzir o fanatismo

5. Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais que distinguem as diferentes religiões e sob esse aspecto a fé pode ser raciocinada ou cega. A fé cega, como o próprio nome indica, tudo aceita sem verificação, tanto o verdadeiro quanto o falso, e pode, obviamente, a cada passo, chocar-se com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o fanatismo. Assentada no erro, cedo ou tarde desmorona.

6. Somente a fé que se baseia na verdade garante sua perenidade, porque nada teme do progresso das luzes, pois o que é verdadeiro na obscuridade também o é à luz meridiana. Duas condições, portanto, requer a verdadeira fé. A primeira é não rejeitar a razão e poder ser, assim, raciocinada. A segunda condição é prender-se à verdade, sem jamais compactuar com a mentira.

7. Fato digno de nota é que a fé verdadeira não se conquista de uma hora para outra. Ela se adquire com o tempo e é fruto de experiências vivenciadas, embora pareça de algum modo inata em certas pessoas, nas quais uma centelha basta às vezes para desenvolvê-la, o que constitui sinal evidente de anterior progresso. Em outras pessoas, ao contrário, a dificuldade de ter fé é muito grande, um indício não menos evidente de uma natureza retardatária ou pelo menos refratária a isso.

8. Em seu livro *O Consolador*, Emmanuel estabelece uma distinção entre crer e ter fé. Crer diz respeito à crença. O ato de crer em alguma coisa demanda a necessidade do sentimento e do raciocínio para que a alma edifique a fé em si mesma. Inspiração divina, diferentemente da simples

crença, a fé desperta todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem e, como tal, é a base da regeneração.

A fé não se prescreve nem se impõe, mas pode ser adquirida

9. Idêntico ensinamento encontramos no cap. VII – 2ª Parte do livro *O Céu e o Inferno*, de Kardec, no qual o guia da médium que serviu de intermediária no caso Xumene explicou por que o Espiritismo não torna imediatamente perfeitos nem mesmo os mais crentes adeptos: “A crença é o primeiro passo; vem em seguida a fé e a transformação por sua vez, mas, além disso, força é que muitos venham revigorar-se no mundo espiritual”.

10. A fé sincera é empolgante e contagiosa. Comunica-se aos que não a têm ou mesmo não desejam tê-la. Encontra palavras persuasivas que vão à alma, ao passo que a fé aparente utiliza tão somente palavras sonoras que deixam frio e indiferente quem as escuta.

11. É de Allan Kardec este pensamento: “Fé inabalável somente o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade”. A importância da fé é destacada por ele em várias passagens de sua obra, como Jesus também o fez quando afirmou a seus apóstolos que, se eles tivessem fé do tamanho de um grão de mostarda, diriam a uma montanha “Transporta-te daí para ali” e ela se transportaria.

12. “Tudo é possível àquele que tem fé”, acrescentou Jesus (cf. Marcos, 9:23), o que demonstra a relevância da fé em nossa vida, embora saibamos que, conforme entende Kardec, a fé não se impõe nem se prescreve, mas pode ser adquirida, não existindo ninguém que esteja impedido de possuí-la. O Codificador lembra-nos, porém, que para crer é preciso compreender, visto que a fé cega já não mais tem lugar em nosso mundo.

Questões para fixação da leitura

1. Como podemos conceituar a fé?

O vocábulo “fé” tem várias acepções. No sentido comum, significa a confiança do indivíduo em si mesmo, pois os que dispõem de semelhante confiança são capazes de realizações que pareceriam impossíveis àqueles que de si duvidam. Dá-se igualmente o nome de fé à crença nos dogmas dessa ou daquela religião, casos em que recebe adjetivação específica: fé cristã, fé judaica, fé católica etc.

2. Que é fé cega? E que é fé raciocinada?

A fé cega, como o próprio nome indica, tudo aceita sem verificação, tanto o verdadeiro quanto o falso, e pode, obviamente, a cada passo, chocar-se com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o fanatismo. Assentada no erro, cedo ou tarde desmorona. A fé raciocinada é a que não rejeita a razão e prende-se à verdade, sem jamais compactuar com a mentira.

3. Existe diferença entre crença e fé?

Sim. No livro *O Consolador*, Emmanuel diz que crer diz respeito à crença. Inspiração divina, diferentemente da simples crença, a fé desperta todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem e, como tal, é a base da regeneração. Idêntico ensinamento encontramos no cap. VII – 2ª Parte do livro *O Céu e o Inferno*, no qual o guia da médium que serviu de intermediária no caso Xumene diz que a crença é o primeiro passo; a fé virá em seguida e, por último, a transformação, mas para isso é preciso que muitos tenham de revigorar-se no mundo espiritual.

4. É possível comunicar a fé a alguém por meio da imposição?

Não. Segundo Kardec, a fé não se impõe nem se prescreve, mas pode ser adquirida, não existindo ninguém que esteja impedido de possuí-la. Para crer é preciso,

porém, compreender, porquanto – adverte o Codificador – a fé cega já não mais tem lugar em nosso mundo.

5. Jesus de Nazaré deixou-nos algum ensinamento acerca da fé e de sua importância?

Sim. “Tudo é possível àquele que tem fé”, ensinou Jesus, consoante lemos em Marcos, 9:23, afirmativa essa que demonstra a importância da fé em nossa vida e nos anima a tudo fazer por conquistá-la.

A prece e sua eficácia

Sumário: Resultados da prece sincera. A prece pode ter por objeto três coisas. Tudo o que pedirmos com fé, na prece, nós o obteremos, mas não basta pedir para obter. Virtudes necessárias para esperar e compreender as respostas do Pai.

Quando ditas de coração, são boas as preces de todos os cultos

1. Há pessoas que contestam a eficácia da prece com fundamento no princípio de que, conhecendo Deus nossas necessidades, desnecessário e inútil se torna expô-las ao Pai Eterno. Tal argumento, contudo, não é correto porque, independentemente de Deus conhecer nossas necessidades, a prece por si só proporciona a quem ora um bem-estar muito grande, visto que aproxima a criatura do Criador e nos encaminha para a senda que conduz a Deus.

2. Como sabemos, não existe uma fórmula especial para que alguém ore. Quando ditas de coração e não apenas de lábios, são boas as preces de todos os cultos. Independentemente de fórmula, o principal é que as preces sejam claras, simples, concisas.

3. A prece pode ter por objeto um pedido, um agradecimento ou uma glorificação. Dirigidas a Deus, são ouvidas pelos Espíritos incumbidos pelo Criador de executar sua vontade. Eis por que, pela prece, o homem obtém o concurso dos bons Espíritos, que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe ideias sãs. Aquele que ora com fervor adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se deste se afastou, podendo também, por esse meio, desviar de si os males que atrairia com suas faltas.

4. Embora Jesus tenha dito que tudo o que pedirmos com fé, em oração, nós o receberemos, seria ilógico deduzir que basta pedir para obter, do mesmo modo que seria injusto acusar a Providência se esta não acede a toda súplica que lhe fazemos. É preciso ter sempre em mente que Deus sabe, melhor do que nós, o que realmente nos convém nessa ou naquela circunstância. Um pai criterioso também recusa ao filho o que seja contrário aos seus interesses.

A prece elevada é manancial de magnetismo criador e vivificante

5. O que o homem não deve esquecer, em todos os momentos e circunstâncias da vida, é a prece do trabalho e da dedicação, no santuário das lutas purificadoras, porque Jesus abençoará suas realizações e seus esforços sinceros.

6. O santuário doméstico que encontre criaturas amantes da oração e dos sentimentos elevados converte-se em campo sublime das mais belas florações e colheitas espirituais. Para tanto, não pode a prece ser um movimento mecânico de lábios, nem disco de fácil repetição no aparelho da mente. A prece é – e deve ser – vibração, energia, poder.

7. A pessoa que ora, mobilizando as próprias forças, realiza trabalhos de grande significação e põe-se em contato com as fontes superiores da vida. Os raios divinos expedidos pela prece santificadora convertem-se em fatores adiantados de cooperação eficiente e definitiva na cura do corpo, na renovação da alma e na iluminação da consciência.

8. Toda prece elevada é manancial de magnetismo criador e vivificante e, por causa disso, toda criatura que cultiva a oração, com o devido equilíbrio, transforma-se gradativamente em foco irradiante de energias da Divindade.

É preciso humildade para compreender as respostas de Deus

9. Aprendamos, pois, a orar e igualmente a entender as respostas do Alto às nossas súplicas. Se vamos expor em prece ao Senhor os nossos obstáculos, pedindo as providências que nos sejam necessárias à paz e à execução dos encargos que a vida nos delegou, supliquemos também ao Pai nos ilumine o entendimento para que saibamos receber dignamente suas decisões.

10. Entre o pedido que parte da Terra e o suprimento que vem do Alto, é imperioso funcione a alavanca da vontade humana, com decisão e firmeza, para que se efetive o auxílio solicitado.

11. Confiemos em Deus e supliquemos seu amparo, mas – se quisermos receber a bênção divina – procuremos esvaziar o coração de tudo o que discorde das nossas petições, a fim de oferecer à bênção divina clima de aceitação, base e lugar.

12. Todos, em verdade, podemos endereçar a Deus, em qualquer parte e em qualquer tempo, as mais variadas preces; contudo, precisamos cultivar paciência e humildade para esperar e compreender as respostas de Deus.

Questões para fixação da leitura

1. Que resultados a prece sincera produz àquele que ora?

A prece proporciona a quem ora um bem-estar muito grande, visto que aproxima a criatura do Criador e, filha primogênita da fé, nos encaminha para a senda que conduz a Deus.

2. A prece pode ter por objeto três coisas. Quais são elas?

A prece pode ter por objeto um pedido, um agradecimento ou uma glorificação.

3. Como devemos entender o ensinamento de Jesus quando afirmou que tudo o que pedirmos com fé, em oração, nós o receberemos?

Não é difícil compreender que, embora Jesus tenha dito essa frase, é ilógico deduzir que basta pedir para obter, do mesmo modo que seria injusto acusar a Providência se esta não acede a toda súplica que lhe fazemos. É preciso ter sempre em mente que Deus sabe, melhor do que nós, o que realmente nos convém nessa ou naquela circunstância. A resposta do Alto ao que pedirmos estará, assim, subordinada à nossa real necessidade, não do nosso ponto de vista, mas do ponto de vista de quem sabe da vida muito mais do que nós.

4. Que é preciso para que, entre o pedido que parte da Terra e o suprimento que vem do Alto, se efetive o auxílio solicitado?

É preciso que funcione a alavanca da vontade humana, com decisão e firmeza, para que se efetive o auxílio solicitado.

5. Que virtudes são necessárias para esperar e compreender as respostas de Deus às nossas preces?

Podemos endereçar a Deus, em qualquer parte e em qualquer tempo, as mais variadas preces; contudo, precisamos cultivar paciência e humildade para esperar e compreender as respostas de Deus nosso Pai, que é soberanamente justo e bom.

Sacrifícios e mortificações

Sumário: Significado do termo sacrifício. O dízimo e sua finalidade. Os sacrifícios religiosos. A prática das mortificações. A verdadeira penitência consoante os ensinamentos cristãos.

O propósito declarado do sacrifício varia entre as diferentes culturas

1. O vocábulo sacrifício tem, conforme a etimologia, o sentido de se "fazer alguma coisa sagrada". Em seu sentido primitivo e unicamente religioso, representa uma oferenda que se faz à divindade por meio de rituais. A oferenda pode ser representada por uma pessoa, por um animal ou ainda por produtos de origem vegetal ou outros objetos.

2. Importante que se faça distinção entre o conceito religioso do termo e sua concepção popular. Assim, no aspecto religioso, além da característica do ritual, subentende-se que o sacrifício será consumido pela divindade. Tarefas que certas religiões exigem de seus adeptos, como, por exemplo, o pagamento de dízimos, não constituem sacrifícios, mas regras da prática religiosa.

3. O propósito declarado do sacrifício varia muito entre as diferentes culturas. Por extensão, pode ele ser considerado como uma renúncia ou privação voluntária de alguma coisa, como a privação dos gozos inúteis, que a Doutrina Espírita considera ato meritório, porque desprende da matéria o homem e eleva sua alma.

4. Resistir à tentação que arrasta ao excesso ou ao gozo das coisas inúteis, tirar do que temos para dar aos que carecem do bastante, fazer o bem aos nossos semelhantes – eis algumas práticas que apresentam grande mérito dentro do rol das chamadas privações voluntárias.

Certas religiões impõem a mortificação para a remissão dos pecados

5. A realização de sacrifícios religiosos está geralmente relacionada com as mortificações e as penitências. O verbo mortificar é sinônimo de afligir, atormentar, castigar, macerar o próprio corpo com penitências. A mortificação ocorreria devido ao arrependimento ou à dor resultante do pecado cometido.

6. Em função do arrependimento, certas autoridades religiosas impõem uma pena ao arrependido para remissão de seus pecados, pena essa representada por jejuns, orações, macerações do corpo e outras tantas mortificações inerentes às manifestações de culto externo.

7. Em seu livro *Elucidações Evangélicas*, Sayão examina o assunto "penitência" e informa que essa prática é, segundo algumas religiões, necessária ao pecador que não deseja agravar sua culpa e tornar-se, por conseguinte, passível de maiores castigos.

8. A penitência, tal como a entendia Jesus, não consiste, porém, nos cilícios, na reclusão em claustros ou em outras tribulações materiais. Ela consiste no arrependimento sincero e profundo e no propósito firme em que a criatura se coloca de não tornar a cometer as faltas que a arrastaram à mísera condição humana e esforçar-se por repará-las.

Enfraquecer o corpo sem necessidade é verdadeiro suicídio

9. O Espírito penitente – assevera Sayão – "absorve-se todo na oração e na vigilância que Jesus recomendava e que formam um como antemural às ondas de paixões que nos lançam no abismo do infortúnio".

10. Falando sobre a mortificação e seu mérito, aconselham os Espíritos superiores: "Procurai saber a que ela aproveita". "Se somente serve para quem a pratica e o impede de fazer o bem, é egoísmo, seja qual for o pretexto

com que entendam de colori-la. Privar-se a si mesmo e trabalhar para os outros, tal a verdadeira mortificação, segundo a caridade cristã.” (L.E., 721.)

11. Debilitar o corpo com privações inúteis e macerações sem objetivo, torturar e martirizar voluntariamente o corpo material são atos que, evidentemente, contrariam a lei de Deus, porquanto enfraquecer o veículo corpóreo sem necessidade é verdadeiro suicídio.

12. No intuito de obter favores ou mesmo agradar a Deus ou aos Bons Espíritos, algumas pessoas executam determinadas ações ou se impõem certas privações a que chamam de promessa. Ora, as promessas já tiveram sua época e já vai distante o tempo das supersticiosas imposições da teocracia. Ao seu reinado sucedeu o império da inteligência e da razão, únicos fundamentos inabaláveis da fé esclarecida e ativa. Sacrifícios, mortificações e promessas são, portanto, manifestações materiais do culto externo, praticadas por pessoas ainda distantes das verdades espirituais.

Questões para fixação da leitura

1. De acordo com a etimologia, que significa o vocábulo sacrifício?

Em seu sentido etimológico, sacrifício significa “fazer alguma coisa sagrada”. Em sua acepção primitiva e religiosa, representa uma oferenda que se faz à divindade por meio de rituais, a qual pode ser representada por uma pessoa, por um animal ou ainda por produtos de origem vegetal ou outros objetos.

2. Pagar o dízimo é uma forma moderna de sacrifício?

Não. Determinadas tarefas que certas religiões exigem de seus adeptos, como, por exemplo, o pagamento de dízimos, não constituem sacrifícios, mas regras da prática

religiosa. O dízimo, quando empregado na finalidade própria, é muito útil para a continuidade do trabalho realizado pela instituição a que se destina.

3. A que práticas a realização de sacrifícios religiosos está geralmente relacionada?

A realização de sacrifícios religiosos está geralmente relacionada com as mortificações e as penitências.

4. Como o Espiritismo vê a prática das mortificações?

Falando sobre a mortificação e seu mérito, aconselham os Espíritos superiores: "Procurai saber a que ela aproveita". Se somente serve para quem a pratica e o impede de fazer o bem, é egoísmo, seja qual for o pretexto com que entendam de colori-la. Privar-se a si mesmo e trabalhar para os outros, tal a verdadeira mortificação, segundo a caridade cristã.

5. Em que consiste, segundo os ensinamentos cristãos, a verdadeira penitência?

A penitência, tal como a entendia Jesus, não consiste na reclusão em claustros, nos cilícios ou em outras tribulações materiais. Ela consiste no arrependimento sincero e profundo e no propósito firme em que a criatura se coloca de não tornar a cometer as faltas que a arrastaram à mísera condição humana e esforçar-se por repará-las.

Fora da caridade não há salvação

Sumário: A máxima que constitui o lema do Espiritismo. Comentários de Paulo de Tarso (Espírito) a respeito dessa máxima. Sentido da palavra caridade conforme os ensinamentos espíritas. Distinção entre filantropia e caridade.

O lema do Espiritismo é a máxima “Fora da caridade não há salvação”

1. Em todos os tempos houve criaturas que ensinaram a caridade, mas poucos a praticaram verdadeiramente, como Jesus o fez; e ele não apenas a exemplificou como expressamente a indicou como o caminho que pode levar-nos ao reino dos céus.

2. Allan Kardec entendeu claramente o ensino do Cristo e por isso estabeleceu como lema do Espiritismo a conhecida frase “Fora da caridade não há salvação”, utilizada pela primeira vez pelo codificador no livro *O que é o Espiritismo*, lançado em 1859.

3. Comentando referida máxima, escreveu Paulo de Tarso (Espírito): “Meus filhos, na máxima: Fora da caridade não há salvação estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa na frente dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-ei pelo perfume de caridade que espalham em torno de si. Nada exprime com mais exatidão

o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará". (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XV, item 10.)

4. Para fins de estudo é preciso se estabeleça a diferença entre caridade, esmola e filantropia. Com relação à caridade, a questão 886 de *O Livro dos Espíritos* esclarece que o verdadeiro sentido dessa palavra, tal como a entendia Jesus, abarca três virtudes: benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias e perdão das ofensas.

A caridade não se restringe às oferendas transitórias

5. A caridade, segundo esse entendimento, não se limita, pois, à esmola e abrange todas as relações em que nos encontramos com nossos semelhantes, estejam eles em posição de inferioridade, igualdade ou superioridade em relação a nós. A caridade nos prescreve a indulgência, porque de indulgência também precisamos, e proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer no mundo em que vivemos.

6. O homem verdadeiramente caridoso procura elevar e não rebaixar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa. Sendo a virtude por excelência, a caridade constitui a mais alta expressão do sentimento humano, sobre cuja base as construções elevadas do Espírito encontram firmeza para desdobrarem atividades enobrecidas em prol de todas as pessoas.

7. Confundida vulgarmente com esmola, a caridade excede, sob qualquer aspecto considerado, as doações externas com que o homem supõe em tal atividade encerrá-

la. A esmola, evidentemente, não merece reprovação, mas sim a maneira pela qual habitualmente é dada. O homem de bem, que compreende a caridade segundo o pensamento do Cristo, vai ao encontro do desgraçado, sem esperar que este lhe estenda a mão, pois sabe que o homem condenado a pedir esmola se embrutece e degrada-se física e moralmente.

8. Sem dúvida, é valioso todo gesto de generosidade, quando consubstanciado em dádiva oportuna àquele que padece essa ou aquela privação. No entanto, a caridade que se restringe às oferendas transitórias nada mais é que filantropia, esse ato de amor fraterno e humano que distingue as pessoas que destinam altas somas à edificação de obras de incontestável valor, financiando múltiplos setores da ciência, da arte e da cultura.

Para a legítima caridade é imprescindível a fé

9. Henry Ford, John Rockefeller, Ted Turner, Bill Gates foram ou são filantropos eméritos, a cuja contribuição a Humanidade deve serviços de inapreciável qualidade. Vicente de Paulo, Damien de Veuster, João Bosco, Madre Teresa de Calcutá e tantos outros de idêntica estatura transformaram-se em apóstolos da caridade, pois que, nada possuindo em termos de valores transitórios, ofertaram tesouros de amor e fecundaram em milhões de vidas o pólen da esperança, da saúde, da alegria de viver.

10. Diz Joanna de Ângelis que a caridade legítima requer como requisito imprescindível a fé. A caridade – afirma Joanna – é, sobretudo, cristã. A filantropia, apesar da valiosa ajuda que realiza, independe da fé e não se caracteriza pelo sentimento cristão. Irreligiosa, pode brotar em qualquer indivíduo.

11. A caridade bem sentida e vivida estabelece verdadeira fraternidade entre os homens, visto que todos somos filhos de um mesmo Pai e, do mesmo modo que os Espíritos superiores nos amparam e sustentam nas lutas

humanas, devemos igualmente amparar nossos irmãos em humanidade, inclusive aqueles que a sociedade considera criminosos.

12. Evitemos julgar as ações cometidas por esses companheiros, auxiliando-os naquilo que nos for possível, porque a caridade, como já vimos, implica a necessidade de indulgência e de benevolência para com todos, sem nenhuma exceção.

Questões para fixação da leitura

1. Que máxima de Allan Kardec constitui um dos lemas do Espiritismo?

A máxima é “Fora da caridade não há salvação”, que foi utilizada pela primeira vez pelo codificador no livro *O que é o Espiritismo*, lançado em 1859.

2. Reportando-se a essa máxima, Paulo de Tarso (Espírito) disse que nela estão encerrados os destinos dos homens na Terra e no céu. Que é que Paulo quis dizer?

Ele mesmo explicou suas palavras afirmando que, na Terra, à sombra desse estandarte os homens viverão em paz, e no céu, isto é, no mundo espiritual, os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor.

3. Qual o sentido da palavra caridade conforme os ensinamentos espíritas?

Conforme lemos na questão 886 de *O Livro dos Espíritos*, a caridade, tal como a entendia Jesus, compreende benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias e perdão das ofensas.

4. Confundida vulgarmente com a caridade, a esmola é condenável?

Não. A esmola não merece reprovação, mas sim a maneira pela qual habitualmente ela é dada.

5. Em que a filantropia se distingue da verdadeira caridade?

A filantropia, apesar da valiosa ajuda que realiza, independe da fé e não se caracteriza pelo sentimento cristão. Irreligiosa, pode brotar em qualquer indivíduo. A caridade bem sentida e vivida estabelece verdadeira fraternidade entre os homens, visto que todos somos filhos de um mesmo Pai e, do mesmo modo que os Espíritos superiores nos amparam e sustentam nas lutas humanas, devemos igualmente amparar nossos irmãos em humanidade, inclusive aqueles que a sociedade considera criminosos.

Amor materno e amor filial

Sumário: Alegrias e dificuldades inerentes à missão da maternidade. Dever da mãe com relação aos filhos. Significado do mandamento "Honrai vosso pai e vossa mãe". Causas da ingratidão dos filhos.

A missão materna nem sempre é um mar de rosas

1. O coração materno é, na expressão de um Espírito amigo, "uma taça de amor em que a vida se manifesta no mundo", mas grave é o ofício da verdadeira maternidade. "Levantam-se monumentos de progresso entre os homens e devemos-los, em grande parte, às mães abnegadas e justas, mas erguem-se penitenciárias sombrias e devemos-las, na mesma proporção, às mães indiferentes e criminosas", diz Sebastiana Pires, em *Luz no Lar*, cap. 3, pág. 15.

2. Ensina o Espiritismo que a Natureza deu à mãe o amor a seus filhos no interesse da conservação deles. Entre os animais, esse amor se limita às necessidades materiais e cessa quando desnecessários se tornam os cuidados. No homem, ele persiste pela vida inteira e comporta um devotamento e uma abnegação que são virtudes, sobrevivendo mesmo à morte e acompanhando o filho até no além-túmulo.

3. Não se deduza do fato de estar o amor maternal nas leis da natureza que a missão materna seja sempre um mar de rosas, porque não o é. Trata-se, em verdade, de tarefa espinhosa em que a renúncia e as lágrimas fazem morada.

4. Não é difícil entender por que isso se dá. É que habitualmente renascem juntas, sob os laços da consanguinidade, pessoas que ainda não se acertaram ao

longo da vida, com o objetivo de trabalharem sobre as arestas que lhes impedem a harmonia. Jungidos à máquina das convenções respeitáveis, no instituto familiar, caminham lado a lado, sob o aguilhão da responsabilidade e da convivência compulsória, para sanarem velhas feridas.

5. Existem pais que não toleram os filhos e mães que se voltam contra os próprios descendentes, tanto quanto há filhos que se revelam inimigos de seus genitores e irmãos que não conseguem esconder sua antipatia uns pelos outros.

Desde cedo deve a mãe preparar seus filhos para a vida

6. A missão materna reveste-se, portanto, de encargos sublimes, sobretudo nos lares onde Espíritos antagônicos, ainda que não sejam inimigos, se encontram temporariamente unidos pelos laços do parentesco. A maternidade exige e desenvolve a sensibilidade, a ternura, a paciência, aumentando a capacidade de amar na mulher.

7. No ambiente doméstico, o coração maternal deve ser o expoente divino de toda a compreensão espiritual e de todos os sacrifícios pela paz da família. A missão materna consiste em dar sempre ao filho o amor que flui de Deus, porque antes de tudo sabemos que nossos filhos são, primeiramente, filhos de Deus.

8. Desde a infância, compete à mãe prepará-los para o trabalho e para a luta que os espera. Desde os primeiros anos, deve ensinar a criança a fugir do abismo da liberdade, controlando-lhe as atitudes e consertando-lhe as posições mentais, porque essa é a ocasião mais propícia à edificação das bases de uma vida.

9. Ensinará a tolerância mais pura, mas não desdenhará a energia quando necessária. Sacrificar-se-á de todos os modos ao seu alcance pela paz dos filhos, ensinando-lhes

que toda dor é respeitável, que todo trabalho edificante é divino e que todo desperdício é falta grave.

10. Ensinar-lhes-á o respeito pelo infortúnio alheio. Será ela no lar o bom conselho sem parcialidade, o estímulo ao trabalho e a fonte de harmonia para todos. Buscará, enfim, na piedosa mãe de Jesus o símbolo das virtudes cristãs.

A família é o núcleo de maior importância na sociedade

11. Com relação ao amor filial, é imperioso lembrar que o mandamento "Honrai vosso pai e vossa mãe" é um corolário da lei geral de caridade e de amor ao próximo, embora o termo "honrai" encerre um dever a mais – o da piedade filial. Honrar pai e mãe não consiste apenas em respeitá-los, mas também assisti-los na necessidade, proporcionar-lhes repouso na velhice e cercá-los de cuidados, tal como fizeram eles com os filhos durante a infância.

12. Duas causas determinam basicamente a ingratidão dos filhos para com os pais: umas se devem às imperfeições dos filhos; outras resultam de falhas cometidas pelos próprios pais. Com efeito, muitos pais, despreparados para a missão que assumiram, cometem erros graves que podem influir consideravelmente no comportamento da prole, que então, conforme seu caráter, se rebela contra aqueles, crucificando-os nas traves ásperas da ingratidão.

13. Muitos genitores imaturos, que transitam no corpo açulados pelo tormento dos prazeres incessantes, respondem pelo desequilíbrio e desajuste da prole, na desenfreada competição da moderna sociedade.

14. Há, no entanto, filhos que receberam dos pais as mais sinceras demonstrações de sacrifício e carinho, aspirando a um clima de paz, de saúde moral, de equilíbrio doméstico, nutridos pelo amor sem fraude e pela abnegação

sem fingimentos, e mesmo assim revelam-se frios, exigentes e ingratos.

15. Em que pese tudo isso, o lar – santuário dos pais, escola dos filhos, oficina de experiências – é a mola mestra que aciona a Humanidade, e a família é, indiscutivelmente, o núcleo de maior importância no organismo social.

Questões para fixação da leitura

1. O amor maternal faz parte das leis da natureza?

Sim. O amor maternal faz, inequivocamente, parte das leis que regem a vida.

2. A missão da maternidade nem sempre é um mar de rosas. Por quê?

O motivo disso é que habitualmente renascem juntas, sob os laços da consanguinidade, pessoas que ainda não se acertaram ao longo da vida. Jungidas à máquina das convenções respeitáveis, no instituto familiar, caminham lado a lado, sob o agulhão da responsabilidade e da convivência compulsória, para sanarem velhas feridas. É devido a isso que há pais que não toleram os filhos e mães que se voltam contra os próprios descendentes, tanto quanto há filhos que se revelam inimigos de seus genitores.

3. Que dever compete à mãe, relativamente a seus filhos?

O coração maternal deve ser o expoente divino de toda a compreensão espiritual e de todos os sacrifícios pela paz da família. A missão materna consiste em dar sempre ao filho o amor que flui de Deus, porque antes de tudo sabemos que nossos filhos são, primeiramente, filhos de Deus. Desde a infância, compete à mãe prepará-los para o trabalho e para a luta que os espera, ensinando-lhes a fugir do abismo da liberdade, controlando-lhes as atitudes e consertando-

lhes as posições mentais, porque essa é a ocasião mais propícia à edificação das bases de uma vida.

4. Como devemos entender, segundo os ensinamentos espíritos, o mandamento “Honrai vosso pai e vossa mãe”?

Esse mandamento é um corolário da lei geral de caridade e de amor ao próximo, embora o termo “honrai” encerre um dever a mais – o da piedade filial. Honrar pai e mãe não consiste apenas em respeitá-los, mas também assisti-los na necessidade, proporcionar-lhes repouso na velhice e cercá-los de cuidados, tal como fizeram eles com os filhos durante a infância.

5. Duas causas determinam basicamente a ingratidão dos filhos para com os pais. Quais são essas causas?

umas se devem às imperfeições dos filhos; outras resultam de falhas cometidas pelos próprios pais. Com efeito, muitos pais, despreparados para a missão que assumiram, cometem erros graves que podem influir consideravelmente no comportamento da prole, que então, conforme o seu caráter, se rebela contra aqueles, crucificando-os nas traves ásperas da ingratidão.

Respeito às leis, às religiões e aos direitos humanos

Sumário: Como reconhecer os discípulos do Senhor. Conceito de justiça segundo o Espiritismo. A conduta com relação ao próximo de acordo com a lei natural. Importância do progresso moral na vida em sociedade.

É a falta de amor que gera o desrespeito entre as pessoas

1. Disse-nos Jesus: "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros".

2. Neste ensinamento, que foi registrado pelo apóstolo João, encontra-se resumida a lei de justiça, amor e caridade. Com sua observância, os homens se respeitariam mutuamente, os vínculos sociais entre as criaturas seriam mais consolidados, as leis mais justas, a convivência humana mais pacífica.

3. Se nos amássemos uns aos outros, não haveria na Terra desrespeito algum entre os seres humanos. Cada qual compreenderia seus direitos, seus limites de liberdade e professaria a crença para a qual estivesse inclinado, sem embargar ou criticar a crença alheia. Os homens executariam com precisão e naturalidade as leis e as normas que regem a vida em sociedade.

4. É preciso, porém, reconhecer que tal estado de coisas ainda não se verifica na Terra, e é essa a razão por que existe ainda tanto desrespeito às leis, às crenças religiosas e aos direitos humanos no mundo em que vivemos.

A justiça consiste em cada um respeitar o direito do outro

5. Quando se fala em desrespeito aos direitos dos outros, é bom lembrar que, segundo os ensinamentos espíritas, a justiça consiste em cada um respeitar os direitos dos outros. Duas coisas, adverte o Espiritismo, determinam esses direitos – a lei humana e a lei natural.

6. A lei humana, evidentemente, altera-se com o tempo. Algo que fosse aplicável na Idade Média, como por exemplo a admissão da escravidão, seria hoje inconcebível e intolerável.

7. A lei natural, por sua vez, é de todos os tempos, e é ela que nos determina, como recomendou Jesus: “Queira cada um para os outros o que deseja para si mesmo”, regra singela de verdadeira justiça que Deus implantou no coração do homem.

8. Perante as leis, as religiões e os direitos humanos em geral, devemos, pois, agir sempre cordialmente, mantendo o respeito e a fraternidade legítima, como André Luiz nos recomenda expressamente em seu livro *Conduta Espírita*, psicografado pelo médium Waldo Vieira.

Respeito e cordialidade com todos deve ser o nosso lema

9. Eis algumas propostas de comportamento feitas por André Luiz na obra mencionada:

a. Respeitar as ideias e as pessoas de todos os nossos irmãos, sejam eles nossos vizinhos ou não, estejam presentes ou ausentes, sem nunca descer ao charco da leviandade que gera a maledicência.

b. Suprimir toda crítica destrutiva na comunidade em que aprendemos e servimos.

c. Perdoar sempre as possíveis e improcedentes desaprovações sociais à nossa fé, confessando, quando for preciso, a nossa qualidade religiosa, principalmente através da boa reputação e da honradez que nos exornem o caráter.

d. Cooperar com os poderes constituídos e as organizações oficiais, empenhando-nos com o máximo interesse na melhoria das condições da máquina governamental, no âmbito de nossos próprios recursos.

e. Estimar e reverenciar os irmãos de outros credos religiosos.

f. Em nenhuma circunstância, pretender conduzir alguém ou alguma instituição, dessa ou daquela prática religiosa, à humilhação e ao ridículo.

10. Diante do que a lei natural estabelece, não é difícil concluir que as causas que geram os desrespeitos humanos decorrem da própria imperfeição dos homens. São as mesmas causas que obstaculizam o progresso, e é possível encontrar em sua raiz o orgulho e o egoísmo e todas as paixões e imperfeições características dos Espíritos em via de progresso.

11. À medida que o homem progride moralmente, amplia-se nele a liberdade de agir – o chamado livre-arbítrio – e aumenta, no mesmo diapasão, seu senso de responsabilidade.

12. O amadurecimento pessoal em torno dos deveres morais e sociais, – que constituem a questão matriz dos direitos humanos legítimos –, é que possibilitará a necessária mudança, quando então se verá na sociedade terrena uma maior quota de respeito, não somente às leis, mas também às pessoas e a tudo o que a elas interesse.

Questões para fixação da leitura

1. Disse-nos Jesus que seus discípulos seriam reconhecidos por uma faceta especial de comportamento. Qual é ela?

Jesus declarou que seus discípulos seriam reconhecidos por se amarem uns aos outros. Nesse ensinamento, registrado pelo apóstolo João, encontra-se resumida a lei de justiça, amor e caridade. Se ele fosse observado, os homens se respeitariam mutuamente, os vínculos sociais entre as criaturas seriam mais consolidados, as leis mais justas, a convivência humana mais pacífica.

2. Qual o conceito de justiça segundo o Espiritismo?

Segundo os ensinamentos espíritas, a justiça consiste em cada um respeitar os direitos dos demais. Duas coisas, adverte o Espiritismo, determinam esses direitos – a lei humana e a lei natural.

3. Que conduta com relação ao próximo a lei natural estabelece?

A lei natural, que é de todos os tempos, determina-nos, tal como recomendou Jesus: "Queira cada um para os outros o que deseja para si mesmo", uma regra singela de justiça que Deus implantou no coração do homem.

4. Que causas geram os desrespeitos humanos?

As causas que geram os desrespeitos humanos decorrem da própria imperfeição dos homens. São as mesmas causas que obstaculizam o progresso, e é possível encontrar em sua raiz o orgulho e o egoísmo e todas as paixões e imperfeições características dos Espíritos em via de progresso.

5. Que fator possibilitará a necessária mudança, quando então se verá na sociedade terrena uma maior

quota de respeito, não somente às leis, mas também às pessoas e a tudo o que a elas interesse?

Sabemos que à medida que o homem progride moralmente amplia-se seu livre-arbítrio e aumenta, no mesmo diapasão, seu senso de responsabilidade. É, portanto, o amadurecimento das pessoas que possibilitará a necessária mudança, quando então se verá na sociedade terrena uma maior quota de respeito às leis, às pessoas e a tudo o que a elas interessa.

Caracteres da perfeição e seus obstáculos

Sumário: Conceito de perfeição humana segundo os ensinamentos de Jesus. A virtude mais meritória. Sinais característicos da imperfeição. Distinção entre vício e paixão. Papel da educação no progresso moral dos seres.

O apego às coisas materiais é sinal notório de inferioridade

1. Quando se fala em perfeição humana, cogita-se de uma perfeição relativa e não absoluta, porque somente Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas. Se fosse dado à criatura humana ser tão perfeita quanto o Criador, ela tornar-se-ia igual a este, o que é obviamente inadmissível.

2. A perfeição humana consiste, segundo os ensinamentos de Jesus, em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem, o que torna claro que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, visto que implica a prática de todas as outras virtudes.

3. Evidentemente, todas as virtudes têm seu mérito, porquanto indicam progresso do indivíduo na senda do bem. Existe virtude, por exemplo, quando resistimos voluntariamente ao arrastamento ao mal e às más inclinações; contudo, a sublimidade da virtude é o sacrifício do interesse pessoal em benefício do próximo, sem nenhum pensamento oculto. E a mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade.

4. Reconhece-se a imperfeição espiritual por alguns sinais. O mais grave deles é o interesse pessoal. Aliás, o desinteresse real, verdadeiro, é algo tão raro na Terra que,

quando se patenteia, todos o admiram como se fosse um fenômeno.

5. O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade. E quanto mais se aferra aos bens deste mundo, tanto menos o homem compreende seu destino. Com o desinteresse, ao contrário, ele demonstra que encara de um ponto mais elevado o futuro.

A paixão não é, em sua origem e em sua essência, um mal

6. Tornar-se um homem de bem é o primeiro passo para quem deseja alcançar a perfeição, tendo-se em vista que homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, amor e caridade na sua maior pureza e usa sempre de compreensão e de misericórdia para com o próximo.

7. O egoísmo, qual verme roedor, continua a ser um mal que se alastra por toda a parte e do qual cada pessoa é mais ou menos vítima. É preciso, pois, combatê-lo, como se combate uma enfermidade epidêmica.

8. Além de combater os vícios que porventura ainda presente, deve o Espírito imperfeito lutar também contra qualquer subjugação pelas paixões.

9. Nesse sentido, uma distinção entre vício e paixão torna-se necessária. Vício é tudo o que é contrário à virtude, como o egoísmo, o orgulho, a vaidade, o exibicionismo, a ira, a maledicência, a hipocrisia, a avareza, o ciúme, a inveja, a preguiça, além dos hábitos que geram dependência física e psíquica.

10. A paixão não é, em sua origem e em sua essência, um mal, porquanto o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem e pode levá-lo à realização de grandes coisas. As paixões são como um corcel, que só tem utilidade quando governado e que se torna perigoso quando passa a governar. O abuso delas é, por conseguinte, o que causa o mal.

A educação constitui a chave do progresso moral

11. As paixões são alavancas que decuplicam as forças do homem e o auxiliam na execução dos desígnios da Providência; mas o homem desavisado, em vez de as dirigir, permite que elas o dirijam e cai desse modo nos excessos, fato que pode esmagá-lo, porque se verifica então, em última análise, a exageração de uma necessidade ou de um sentimento.

12. Combatendo os vícios e não se deixando dominar pelas paixões, o indivíduo caminhará de modo firme em direção à perfeição, o que, evidentemente, não se realizará de um momento para outro.

13. Conhecidas as causas e identificado o mal a combater, o remédio se apresentará por si mesmo, cabendo a tão somente ao indivíduo destruí-lo, se não totalmente, ao menos parcialmente.

14. Poderá ser longo o processo, desde que numerosas sejam as causas, mas não infinito. A cura, porém, só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, ou seja, por meio da educação, não por essa espécie de educação que se preocupa tão somente em tornar os homens instruídos, mas pela que tende a fazê-los homens de bem.

15. A educação convenientemente entendida constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres como se conhece a arte de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam as plantas novas. Essa arte exige, porém, muito tato, muita experiência e profunda observação.

Questões para fixação da leitura

1. Em que consiste a perfeição humana, segundo os ensinamentos de Jesus?

A perfeição humana consiste, segundo Jesus, em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem, o que torna claro que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, visto que implica a prática de todas as outras virtudes.

2. Qual é a virtude mais meritória?

Todas as virtudes têm seu mérito, porquanto indicam progresso do indivíduo na senda do bem, mas a mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade.

3. Qual é, dos sinais característicos da imperfeição, o mais grave?

O mais grave desses sinais é o interesse pessoal. O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade.

4. Há diferença entre vício e paixão?

Sim. Vício é tudo o que é contrário à virtude, como o egoísmo, o orgulho, a vaidade, o exibicionismo, a ira, a maledicência, a hipocrisia, a avareza, o ciúme, a inveja, a preguiça, além dos hábitos que geram dependência física e psíquica. A paixão não é, em sua origem e em sua essência, um mal, porquanto o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem. As paixões são como um corcel, que só tem utilidade quando governado e que se torna perigoso quando passa a governar. O abuso delas é, por conseguinte, o que causa o mal.

5. A educação pode exercer um papel importante no progresso moral do indivíduo?

Sim. A educação convenientemente entendida constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a arte de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam as plantas novas.

Cuidados com o corpo e com o espírito

Sumário: Significado da expressão "a carne é fraca", utilizada por Jesus. A importância de se cuidar do corpo material. Consequências da falta de cuidados com o próprio corpo. Interpretação da máxima "mente sã em corpo são".

Macerar o próprio corpo não produz perfeição moral

1. Utilizada certa vez por Jesus, a expressão "a carne é fraca" tem sido repetida por pessoas que certamente atribuem ao corpo físico as atitudes infelizes e, por extensão, as quedas morais dos seres humanos. Provavelmente, outra não é a razão pela qual existem criaturas que procuram enfraquecer e mesmo flagelar o corpo, com o propósito de evitar as tentações.

2. A maceração do corpo, contudo, não produz nem significa perfeição moral porque, evidentemente, uma não leva à outra. O que se sabe é que o cuidado com o corpo material, promovendo a saúde e prevenindo as enfermidades, influi de maneira importante sobre a alma, porquanto para que essa prisioneira viva se expanda, e chegue a conceber as ilusões da liberdade, tem o corpo de estar sadio, disposto, forte.

3. Com efeito, temos no corpo humano o mais sublime dos santuários e uma das maravilhas da obra divina. Da cabeça aos pés, sentimos soberana inteligência do nosso Criador, que, no curso incessante dos milênios, organizou para o Espírito em crescimento o domicílio de carne em que a alma se manifesta.

4. Isolado na concha do corpo material, o Espírito se encontra reduzido em suas percepções a limites que se

fazem necessários. Visão, audição, tato padecem enormes restrições. O cérebro físico é gabinete escuro, que lhe proporciona ensejo de recapitular e reaprender. Conhecimentos adquiridos e hábitos arraigados aí jazem na forma estática de intuições e tendências.

O corpo físico é o instrumento passivo da alma

5. Dentro das grades dos sentidos fisiológicos, o Espírito recebe, porém, gloriosas oportunidades de trabalho em busca da autossuperação. Entendamos, pois: O corpo material é instrumento de manifestação do Espírito encarnado. Não é ele – corpo – que é fraco no tocante às quedas morais, mas sim o Espírito.

6. O corpo nada mais é que um instrumento passivo e é de sua condição perfeita que depende a perfeita exteriorização das faculdades do Espírito. Da cessação da atividade desse ou daquele centro orgânico resulta o término da manifestação que lhe é correspondente. É daí que provém toda a sabedoria da velha máxima “mente são em corpo são”.

7. O corpo material não funciona apartado da alma – ele é, em verdade, a sua representação. Suas células são organizadas segundo as disposições perispirituais do indivíduo, de modo que o organismo doente retrata um Espírito enfermo.

8. No que se refere ao “corpo são”, tem o atletismo um papel importante e seria sua ação das mais edificantes no tocante à saúde humana, se o homem em sua vaidade e egoísmo não houvesse viciado também a fonte da ginástica e do esporte, transformando-a muitas vezes em tablado de entronização da violência.

Não cuidar do corpo é desatender a lei de Deus

9. O homem tem o dever de velar pela conservação do seu corpo. É esta uma lei absoluta, que não lhe é dado ab-

rogar e, por esse motivo, não lhe assiste o direito de sacrificar ao supérfluo os cuidados que o veículo físico reclama.

10. Devemos amar nossa alma, sim, cuidando igualmente da saúde do corpo, instrumento que serve à evolução daquela. Desatender às necessidades que a própria Natureza prescreve é desatender à lei de Deus, e tal atitude gera efeitos inevitáveis, como André Luiz registrou em sua primeira obra.

11. Quando André, após ser examinado por Henrique de Luna, escutou-o a dizer-lhe que lamentava tivesse "vindo pelo suicídio", André protestou: "Lutei mais de quarenta dias, na Casa de Saúde, tentando vencer a morte. Sofri duas operações graves, devido a oclusão intestinal..." O médico espiritual explicou-lhe então que a oclusão radicava-se em causas profundas. "Talvez o amigo não tenha ponderado bastante. O organismo espiritual apresenta em si mesmo a história completa das ações praticadas no mundo", explicou-lhe Henrique. (*Nosso Lar*, cap. 4, p. 31 e 32.)

12. A oclusão – observou em seguida o facultativo – derivava de elementos cancerosos e estes, por sua vez, de algumas levandades cometidas por André no campo da sífilis. A moléstia talvez não assumisse características tão graves se seu procedimento mental no planeta estivesse enquadrado nos princípios da fraternidade e da temperança. Seu modo especial de agir, muita vez exasperado e sombrio, captara destruidoras vibrações nos que o rodeavam. A cólera é manancial de forças negativas para nós mesmos. A ausência de autodomínio, a inadvertência no trato com as pessoas, a quem muitas vezes ofendera sem refletir, conduziam-no com frequência à esfera dos seres doentes e inferiores. Foi isso que agravou o seu estado. Todo o aparelho gástrico fora destruído à custa de excessos de alimentação e de bebidas alcoólicas; a sífilis devorou-lhe energias essenciais; o suicídio era incontestável. (Obra citada, cap. 4, pp. 32 e 33.)

Questões para fixação da leitura

1. Utilizada por Jesus, a expressão “a carne é fraca” é correta ou não passa de um equívoco?

A frase usada por Jesus não tem o sentido que alguns lhe atribuem. Ora, o corpo físico não é responsável pelas atitudes infelizes e pelas quedas morais do indivíduo. O Mestre referia-se, obviamente, à condição do Espírito reencarnado, que sofre muito a influência do meio em que vive e as restrições que a encarnação lhe impõe.

2. Como o Espiritismo sugere que cuidemos do nosso corpo material?

Temos o dever de velar pela conservação do corpo. É esta uma lei absoluta, que não é dado ao homem ab-rogar e, por esse motivo, não lhe assiste o direito de sacrificar ao supérfluo os cuidados que o veículo físico reclama. Devemos amar nossa alma, sim, cuidando igualmente da saúde do corpo, instrumento que serve à evolução daquela.

3. A proposta contida na velha máxima “mente são em corpo são” deve ser interpretada de que modo?

O corpo nada mais é que um instrumento passivo e é de sua condição perfeita que depende a perfeita exteriorização das faculdades do Espírito. Da cessação da atividade desse ou daquele centro orgânico resulta o término da manifestação que lhe é correspondente. O corpo material não funciona apartado da alma – ele é, em verdade, a sua representação. Suas células são organizadas segundo as disposições perispirituais do indivíduo, de modo que o organismo doente retrata um Espírito enfermo.

4. A falta de cuidados com o próprio corpo pode acarretar consequências desagradáveis?

Sim. Desatender às necessidades que a Natureza prescreve é desatender à lei de Deus, e tal atitude gera efeitos desagradáveis.

5. Por que, após haver examinado André Luiz, o médico Henrique de Luna, da colônia espiritual “Nosso Lar”, afirmou que André desencarnara devido a um suicídio? André foi suicida?

Sim, embora ele não tivesse plena consciência disso. Algumas leviandades cometidas por André Luiz no campo da sífilis, seu modo especial de agir, muita vez exasperado e sombrio, a ausência de autodomínio, a inadvertência no trato com as pessoas, a quem muitas vezes ofendera sem refletir, conduziam-no com frequência à esfera dos seres doentes e inferiores. Todo o aparelho gástrico fora destruído à custa de excessos de alimentação e de bebidas alcoólicas; a sífilis devorou-lhe energias essenciais; seu suicídio, embora não consciente, fora incontestável.

Conduta espírita e vivência evangélica

Sumário: Finalidade imediata do Espiritismo. Conduta a ser seguida pelo espírita consciente. Compromisso que devemos impor a nós mesmos. A missão do Espiritismo. Efeitos do conhecimento sobre o aprimoramento humano.

Estudar Kardec é compromisso que devemos impor a nós mesmos

1. O Espiritismo tem por finalidade imediata e essencial a transformação moral do homem para melhor, razão pela qual lhe faculta uma identificação perfeita com os objetivos reais da vida, que não se resumem aos acanhados limites da existência corporal, pois se estendem muito além.

2. Informado e convicto de que a existência na Terra constitui uma experiência evolutiva por meio da qual aprimora os sentimentos, o homem consciente busca lapidar as arestas morais e ressarcir os gravames decorrentes da invigilância, candidatando-se a futuros renascimentos abençoados através da realização benéfica de um comportamento salutar e correto.

3. Esse é um dos motivos pelo qual devemos preservar o precioso legado com que Kardec brindou a Humanidade, preparando para todos nós um futuro melhor, ainda que seja preciso para isso o sacrifício de parte dos verdadeiros espíritas. Estudar Kardec para conhecer e divulgar o Espiritismo, eis o compromisso de hoje que devemos impor a nós mesmos, encarnados e desencarnados.

4. Doutrina Espírita, na visão do Codificador, é compromisso superior para com a vida e requer respeito à vida e uma conduta exemplar e atuante.

A missão do Espiritismo é a do Consolador prometido por Jesus

5. Espiritismo e Cristianismo são, em verdade, termos de uma mesma equação. A investigação da imortalidade sem a filosofia estruturada na moral cristã não tem sentido. Destituída de ética, a pesquisa do paranormal acaba relegada a plano secundário, como se deu com a ciência metapsíquica, do mesmo modo que a filosofia sem o apoio dos fatos equivale a um corpo sem alma.

6. Com a chegada de Kardec e o advento do Espiritismo renasceu o Cristianismo primitivo, restabeleceram-se as comunicações espirituais, e a revelação estuou no mundo das letras, da filosofia, da ciência e da fé.

7. O Espiritismo dispõe de todos os elementos para renovar o Cristianismo e, ao mesmo tempo, avançar com a Ciência e a tecnologia, aliando a fé e a razão, a ciência e a religião, tal como previu Kardec.

8. A missão do Espiritismo é a do Consolador prometido por Jesus, que permanecerá para sempre entre os homens de sentimento e de razão equilibrados, impulsionando a mentalidade do mundo para uma condição superior.

Ninguém está excluído da caminhada rumo à perfeição

9. Por intermédio da voz dos seres redimidos, o Consolador espalha as luzes divinas por todos os cantos da Terra, restabelecendo a verdade e levantando o véu que encobre os ensinamentos, a fim de que os homens despertem para a era grandiosa da compreensão espiritual com o Cristo.

10. Certamente, grande contingente de estudiosos espíritas tem pleiteado uma situação especial de evidência para o Espiritismo estritamente científico, pugnando pelo esquecimento dos tesouros evangélicos. Alguns têm chegado ao extremo de condenar a prática da prece. A

procura dos ensinamentos de Jesus provoca-lhes estranheza ao coração. São discípulos que esqueceram suas origens e olvidaram o carinho das mãos dedicadas que lhes guiaram os passos vacilantes do princípio.

11. Em verdade, desejam eles fenômenos e prosélitos. Evidentemente, ninguém poderá excluir as características científicas no exame transcendente do intercâmbio entre os vivos da Terra e os vivos do Infinito, porquanto toda indagação séria é justa e toda análise conscienciosa produz bons frutos.

12. A grande questão de todos os tempos não é, porém, conhecer somente, mas sim entender a finalidade do conhecimento. E nesse sentido o Espiritismo constitui a porta da esperança para um mundo melhor, confirmando o ensinamento bíblico de que somos deuses e que tudo o que Jesus fez poderemos fazer também, o que prova que a lei do progresso é para todos e não exclui ninguém na caminhada rumo à perfeição.

Questões para fixação da leitura

1. Qual é a finalidade imediata e essencial do Espiritismo?

Sua finalidade imediata e essencial é a transformação moral do homem para melhor.

2. Informado e convicto de que a existência na Terra constitui uma experiência evolutiva por meio da qual aprimora os sentimentos, como deve agir o espírita consciente?

Ele deve buscar a lapidação de suas arestas morais e ressarcir os gravames decorrentes da invigilância, candidatando-se a futuros renascimentos abençoados por meio de um comportamento salutar e correto.

3. Você concorda com este pensamento: “Estudar Kardec para conhecer e divulgar o Espiritismo, eis o compromisso de hoje que devemos impor a nós mesmos, encarnados e desencarnados”?

Sim. Doutrina Espírita, na visão do Codificador, é compromisso superior para com a vida e requer respeito à vida e uma conduta exemplar e atuante.

4. Estudiosos entendem que Espiritismo e Cristianismo são, em verdade, termos de uma mesma equação. Nesse sentido, qual é a missão do Espiritismo?

A missão do Espiritismo é a do Consolador prometido por Jesus, que permanecerá para sempre entre os homens, impulsionando a mentalidade do mundo para uma condição superior.

5. Você concorda com a ideia de que, ajudando o homem a entender a finalidade do conhecimento, o Espiritismo nos abre a possibilidade de um mundo melhor?

Sim, porquanto o Consolador espalha as luzes divinas por todos os cantos da Terra, restabelecendo a verdade e levantando o véu que encobre os ensinamentos, a fim de que os homens despertem para a era grandiosa da compreensão espiritual com o Cristo. Agindo assim, o Espiritismo constitui a porta da esperança para um mundo melhor, confirmando o ensinamento bíblico de que somos deuses e que tudo o que Jesus fez poderemos fazer também, o que prova que a lei do progresso é para todos e não exclui ninguém na caminhada rumo à perfeição.

Bibliografia

- BIBLIA. *Êxodo*.
- BROSSES, Charles de. *Do Culto dos Deuses Fetiches*.
- BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia*.
- CALLIGARIS, Rodolfo. *As Leis Morais*.
- CALLIGARIS, Rodolfo. *O Sermão da Montanha*.
- CALLIGARIS, Rodolfo. *Páginas de Espiritismo Cristão*.
- CAMARGO, Pedro de (Vinícius). *Em torno do Mestre*.
- CANTU, Césare. *História Universal*, vol. 1.
- DENIS, Léon. *Cristianismo e Espiritismo*.
- DENIS, Léon. *Depois da Morte*.
- DENIS, Léon. *O Grande Enigma*.
- DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*.
- FLAMMARION, Camille. *Deus na Natureza*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Amélia Rodrigues. *Luz do Mundo*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Amélia Rodrigues. *Primícias do Reino*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Espíritos diversos. *Seara do Bem*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Espíritos diversos. *Sementes de Vida Eterna*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Espíritos diversos. *Terapêutica de Emergência*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Joanna de Ângelis. *Após a tempestade*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Joanna de Ângelis. *As leis morais da vida*.

FRANCO, Divaldo P. Por Joanna de Ângelis. *Dimensões da Verdade*.

FRANCO, Divaldo P. Por Joanna de Ângelis. *Estudos Espíritas*.

FRANCO, Divaldo P. Por Joanna de Ângelis e Marco Prisco. *Luz Viva*.

GUIMARÃES, Ruth. *Líderes Religiosos*.

HALLEY, Henri H. José. *Manual Bíblico*.

JOÃO, apóstolo. *Evangelho segundo João*.

KARDEC, Allan. *A Gênese*.

KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*.

KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*.

KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*.

KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, edição de dezembro de 1868.

KELLER, Werner. *E a Bíblia tinha razão...*

LAROUSSE, *Enciclopédia Delta*, vol. 4.

LUCAS, evangelista. *Atos dos Apóstolos*.

LUCAS, evangelista. *Evangelho segundo Lucas*.

MACEDO, Roberto. *Vocabulário Histórico-Geográfico dos romances de Emmanuel*.

MATEUS, apóstolo. *O Evangelho segundo Mateus*.

MELO, Mário Cavalcanti de. *Da Bíblia aos nossos dias*.

MÍNIMUS. *Síntese d'O Novo Testamento*.

ROBERTI, Cardenal Francesco. *Dicionário de Teologia Moral*.

SAYÃO, Antônio Luiz. *Elucidações Evangélicas*.

SCHUTEL, Cairbar. *O Espírito do Cristianismo*.

SCHUTEL, Cairbar. *Vida e Atos dos Apóstolos*.

SILVA, Benedicto e outros. *Dicionário de Ciências Sociais*.

SIMONETTI, Richard. *A Voz do Monte*.

UBALDI, Pietro. *A Grande Síntese*.

UBALDI, Pietro. *Deus e Universo*.

VIEIRA, Waldo. Por André Luiz. *Conduta espírita*.

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Por André Luiz. *Evolução em dois mundos*.

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Por André Luiz. *Mecanismos da Mediunidade*.

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Por Espíritos diversos. *O Espírito da Verdade*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *Missionários da luz*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *Nosso Lar*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *A Caminho da Luz*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Ceifa de Luz*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Emmanuel*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Livro da Esperança*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *O Consolador*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Palavras de Emmanuel*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Paulo e Estêvão*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Religião dos Espíritos*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Roteiro*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Rumo Certo*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Vinha de Luz*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Espíritos diversos. *Dicionário da Alma*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Espíritos diversos. *Luz no Lar*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Espíritos diversos. *Pérolas do Além*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Humberto de Campos. *Boa Nova*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Humberto de Campos. *Crônicas de Além-Túmulo*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Irmão X. *Cartas e crônicas*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Irmão X. *Pontos e Contos*.